



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Comportamentos extra-diádicos e vinculação no adulto nas relações íntimas amorosas

Ana Rita Andrade Santos (e-mail: andrade.ritta@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área de Psicologia Clínica e Saúde, na área de especialização em Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Perturbações Psicológicas da Saúde sob a orientação do Professor Doutor Marco Pereira

Comportamentos extra-diádicos e vinculação no adulto nas relações íntimas amorosas

Resumo

Contexto: As relações extraconjugais são documentadas na literatura como o terceiro problema conjugal mais difícil de solucionar em contexto de terapia. Pelo impacto negativo que o envolvimento extra-diádico pode ter no bem-estar individual e relacional do casal, os objetivos deste estudo foram: (1) avaliar as taxas de prevalência dos comportamentos extra-diádicos (CED) presenciais e *online*; (2) analisar a associação entre as dimensões da vinculação à mãe, pai e companheiro e o envolvimento em CED; e (3) averiguar a associação entre a sintomatologia psicopatológica e os CED, bem como se a sintomatologia é mediadora da associação entre a vinculação no adulto e o envolvimento em CED presenciais e *online* nas diferentes situações relacionais (namoro, casamento e união de facto).

Método: A amostra foi constituída por 558 participantes (73.3% do sexo feminino) com uma idade média de 30.64 anos ($DP = 10.72$). O protocolo de avaliação incluiu uma ficha de dados sociodemográficos e de questões relativas à história sexual, relacional e familiar, bem como os seguintes instrumentos de autorresposta: Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos, Inventário de Sintomas Psicopatológicos e Experiências em Relações Próximas – Estruturas Relacionais.

Resultados: A maioria dos participantes solteiros (63.7%), casados (52.2%) e em união de facto (65.4%) reportou já se ter envolvido em CED presenciais. Por sua vez, 47.2% dos solteiros, 25.6% dos casados e 38.5% das uniões de facto afirmou ter-se envolvido em CED *online*. Em termos globais, não se registaram diferenças em função da situação relacional. Em relação ao parceiro observaram-se associações positivas e significativas com as dimensões de vinculação ansiedade e evitamento, sendo mais fortes com o evitamento, em ambas as modalidades presencial e *online*. Encontraram-se, ainda, associações positivas, no grupo dos solteiros e das uniões de facto, com o evitamento à mãe e com a ansiedade ao pai, nos CED presenciais; e correlações positivas, no grupo dos solteiros, com a ansiedade e o evitamento à mãe, nos CED *online*. Os participantes que referiram envolver-se em CED apresentaram maior sintomatologia ansiosa e depressiva. A sintomatologia depressiva não se associou significativamente ao envolvimento em CED presenciais. Porém, associou-se ao envolvimento em CED *online*, apenas nos solteiros. Observaram-se efeitos significativos da vinculação no envolvimento em CED presenciais e *online*. O *distress* emocional não mediou a associação entre a vinculação e o envolvimento extra-diádico, nem a situação relacional moderou esta associação.

Conclusões: Os resultados acrescentam novas informações no âmbito da prevalência dos CED presenciais e *online*, em diferentes situações relacionais. facultam informações relevantes relativamente às relações de vinculação às diferentes figuras e o envolvimento extra-diádico e, revelam dados importantes sobre o envolvimento extra-diádico e a presença de sintomatologia psicopatológica. Face a estes resultados, são apresentadas sugestões para investigação futura.

Palavras-chave: comportamentos extra-diádicos; vinculação; relações amorosas; sintomatologia psicopatológica.

Extradyadic behaviors and adult attachment in intimate relationships

Abstract

Background: Extramarital relationships are documented in the literature as the third marital problem most difficult to resolve in the context of therapy. Given the negative impact that the extradyadic involvement can have on individual well-being and on the relationship of the couple, the aims of this study were: (1) to assess the prevalence rates of face-to-face and *online* extradyadic behaviors (EDB); (2) to analyze the association between attachment to mother, father and mate and involvement in EDB, and (3) to examine the association between psychopathological symptoms and EDB, as well as if emotional distress mediates the association between attachment and the involvement in face-to-face and *online* EDB in different relational contexts (dating, marriage and cohabiting).

Methods: The sample consisted of 558 participants (73.7% females) with a mean age of 30.64 years ($SD = 10.72$). The assessment protocol included sociodemographic data and questions related to the sexual, relational and familiar history, and the following self-report instruments: Extradyadic Behaviors Inventory, the Brief Symptom Inventory and the Experience in Close Relationships - Relationship Structures.

Results: Most single (63.7%), married (52.2%) and cohabiting participants (65.4%) reported having already engaged in face-to-face EDB. In turn, 47.2% of single, 25.6% of married and 38.5% of cohabiting subjects reported to have at some point been involved in *online* EDB. Overall, there were no differences concerning the relational situation. With respect to the partner, significant positive associations with the dimensions of attachment anxiety and avoidance were observed, being stronger with the avoidance, in both face-to-face and *online* modalities. We have also found positive associations, among single and cohabiting participants, between avoidance to mother and anxiety to father and face-to-face EDB, and positive correlations, among singles, between anxiety and avoidance to the mother and *online* EDB. Those who stated having engaged in EDB reported higher anxiety and depressive symptoms. Depressive symptoms were not significantly associated with involvement in face-to-face EDB, contrary to anxiety and depression, which were positively associated in the *online* context, but only among single participants. Significant effects of attachment in the involvement on face-to-face and *online* EDB were found. The emotional distress did not mediate the association between dimensions of attachment and extradyadic involvement, and neither relational situation moderated significantly this association.

Conclusions: These findings added new information in the context of prevalence of face-to-face and *online* EDB, in different relational contexts. They also provided relevant information about the attachment relationships to different figures and extradyadic involvement and revealed information about the association between attachment anxiety and avoidance and extradyadic involvement, particularly with psychopathological symptoms. Given these results, suggestions for future research are discussed.

Keywords: extradyadic behaviours; attachment, intimate relationships, psychopathological symptoms.

Agradecimentos

Ao **Professor Doutor Marco Pereira** pela orientação excelencial. Pelo profissionalismo. Pela exigência e rigor. Pelo método de trabalho extraordinariamente organizado. Obrigada pelo conhecimento que partilhou, pela oportunidade de aprendizagem profissional que me proporcionou. Pela crítica construtiva. Pela disponibilidade que sempre demonstrou, imensa. Obrigada por todo o cuidado, preocupação, infundável paciência, compreensão e, não menos importante, a explicação passo a passo da complexidade na investigação científica. O meu mais sincero e profundo agradecimento, pela ajuda constante e essencial, neste trabalho.

À **Professora Doutora Cristina Canavarro** pela disponibilidade. Acima de tudo pela oportunidade única de aprendizagem e de crescimento pessoal, ao integrar uma equipa tão disciplinada, profissional e de uma organização inigualável.

À **Doutora Carla Crespo** e à **Doutora Helena Moreira** pelos seminários de investigação que orientaram, pelos conhecimentos relevantes que transmitiram e pela disponibilidade manifestada.

À **Mestre Alexandra Martins** e ao **Mestre João Ramos**, pelo apoio fundamental ao longo deste percurso. Pela preocupação e disponibilidade constantes. Pelo esforço incessante em me ajudarem. Pelas palavras de incentivo e motivação. Pela preciosa ajuda durante a realização deste trabalho. Pelos bons conselhos. Pela grande amizade.

A todos(as) os(as) **participantes do estudo** que, voluntariamente, despenderam o seu tempo para colaborar.

À minha **mãe, irmã e avós**, por todo o amor. Por todo o carinho e preocupação, pelos muitos e bons conselhos. Pela paciência. Pela marcada presença e incentivo. Por acreditarem sempre em mim. Agradeço, em particular, à minha mãe, pela educação e valores que me transmitiu, pese todas as adversidades: mãe-pai! À minha irmã, pela amizade e cumplicidade. Pelas confidências e boa disposição. Aos meus avós, por serem os meus segundos pais.

Aos meus **familiares mais próximos** pela preocupação e incentivo constante.

Ao **Gonçalo**, pelo amor. Pelo carinho, pela muita paciência em me escutar. Pelas palavras doces e calmantes. Pela razão dos conselhos e pela enorme compreensão. Por me ter ensinado a rir, mais que sorrir.

Aos meus **amigos**, pela preocupação, cumplicidade e grande disponibilidade. Pelo apoio, pela partilha de bons e maus momentos. Pelo verdadeiro significado da palavra amizade.

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
II – Objetivos.....	17
III – Metodologia	18
IV – Resultados	23
V – Discussão.....	33
VI – Conclusões	41
Bibliografia	43

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de moderação-mediação para a associação entre a vinculação e o envolvimento em CED.....	18
--	----

Índice de Quadros

Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra 1 ($N = 558$).....	19
Quadro 2. História sexual e relacional da amostra 1 ($N = 558$).....	20
Quadro 3. Características sociodemográficas da amostra 2 ($N = 444$).....	20
Quadro 4. Percentagens observadas para os CED presenciais em função do estado civil ($N = 558$).....	24
Quadro 5. Percentagens observadas para os CED <i>online</i> em função do estado civil ($N = 558$).....	25
Quadro 6. Médias e desvio-padrão nas dimensões ansiedade e evitamento da vinculação, às diferentes figuras, em função dos CED presenciais e da situação relacional ($N = 444$).....	26
Quadro 7. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED presenciais ($N = 444$).....	27
Quadro 8. Médias e desvio-padrão nas dimensões ansiedade e evitamento da vinculação, às diferentes figuras, em função dos CED <i>online</i> e da situação relacional ($N = 444$).....	27
Quadro 9. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED <i>online</i> ($N = 444$).....	28
Quadro 10. Coeficientes de correlação entre as dimensões da vinculação às diferentes figuras e o envolvimento em CED presenciais e <i>online</i> , em função do estado civil ($N = 444$).....	29
Quadro 11. Médias e desvio-padrão referentes à sintomatologia psicopatológica, nos diferentes contextos relacionais e em função dos CED presenciais ($N = 444$).....	30
Quadro 12. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED presenciais ($N = 444$).....	30
Quadro 13. Médias e desvio-padrão referentes à sintomatologia psicopatológica, nos diferentes contextos relacionais e em função dos CED <i>online</i> ($N = 444$).....	31

Quadro 14. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED <i>online</i> (N = 444).....	31
Quadro 15. Coeficientes de correlação entre a sintomatologia psicopatológica e o envolvimento em CED presenciais e <i>online</i> , em função do estado civil (N = 444).....	31
Quadro 16. Efeitos diretos das dimensões de vinculação nos CED presenciais e <i>online</i>	32
Quadro 17. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos da ansiedade nos CED presenciais através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador	32
Quadro 18. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos do evitamento nos CED presenciais através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador	32
Quadro 19. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos da ansiedade nos CED <i>online</i> através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador..	33
Quadro 20. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos do evitamento nos CED <i>online</i> através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador..	33

Introdução

De acordo com estudos recentes (e.g., Wilkinson, Littlebear, & Reed, 2012), as relações extraconjugais são consideradas o terceiro problema conjugal mais difícil de resolver em contexto de terapia. Por este motivo, um envolvimento em comportamentos emocionais e/ou sexuais exclusivos, com alguém fora da relação romântica primária ameaça a relação amorosa (Hall & Fincham, 2009), a única em que o envolvimento nestes comportamentos, designados de comportamentos extra-diádicos (CED), é aceitável (Luo, Cartun, & Snider, 2010).

Apesar de reconhecidas as suas implicações, como por exemplo, a possibilidade de dissolução da relação (Allen et al., 2008; Amato & Previti, 2003; Hall & Fincham, 2009; Wilkinson et al., 2012), o envolvimento em CED é um fenómeno comum nas relações (Atkins, Baucom, & Jacobson, 2001), nomeadamente no casamento, que se encontra associado a um grau de compromisso e exclusividade (Hazan & Shaver, 1994a). Nesta linha, pelo impacto negativo que o envolvimento em CED gera no bem-estar individual, relacional e sexual do casal (Mark, Janssen, & Milhausen, 2011), diversos autores têm analisado o envolvimento em relações extra-diádicas. Uma das áreas que tem tentado compreender o envolvimento em CED é a área da vinculação, sobretudo pelo interesse em estudar a dinâmica interacional entre os indivíduos e os seus parceiros românticos (Allen & Baucom, 2004). Apesar do interesse crescente no estudo desta associação, são ainda poucos os estudos que relacionam os estilos de vinculação com o envolvimento extra-diádico (Blow & Hartnett, 2005b), o que justifica a pertinência deste estudo. A maioria dos estudos tem-se focado no estilo de vinculação ao(a) parceiro(a) não havendo, do nosso conhecimento, estudos que avaliem a associação a outras figuras de vinculação. De acordo com a literatura, existe evidência da associação entre a vinculação e a sintomatologia psicopatológica, ansiedade e depressão (Feeney, 1999; Hazan & Shaver 1994a, 1994b). No entanto, apesar de alguns estudos associarem sintomas psicopatológicos aos CED (Blow & Hartnett, 2005a), do nosso conhecimento, não existem estudos que relacionam os estilos de vinculação, a ansiedade e depressão, tendo em consideração o envolvimento em CED, o que justifica, também, a importância deste estudo.

Este estudo encontra-se estruturado em duas secções principais: um enquadramento conceptual e três estudos empíricos. A primeira dirige-se a aspetos de índole terminológico, a prevalências do envolvimento extra-diádico nas relações amorosas, limitações da investigação empírica realizada neste âmbito, o interesse pelo envolvimento extra-diádico no contexto *online* e o modelo da teoria da vinculação enquanto modelo compreensivo das relações amorosas, do envolvimento em CED e da psicopatologia. Quanto aos estudos empíricos, o primeiro estudo centra-se na análise das taxas de prevalência dos CED presenciais (i.e., *offline*) e *online* (i.e. mediado pelo computador ou telefone), tendo em conta a situação relacional (namoro, casamento e coabitação) e o género. Já o segundo estudo faz a comparação e

associação das dimensões da vinculação à mãe, pai e companheiro, em função do envolvimento ou não em CED e do contexto relacional. O terceiro e último estudo, avalia a associação entre a sintomatologia psicopatológica e o envolvimento em CED nas diferentes situações relacionais, analisando ainda se a ansiedade e/ou depressão medeiam a associação entre a vinculação ao companheiro e a ocorrência de CED, em ambos os contextos presencial e *online*, e em função da situação relacional (i.e., se esta associação é moderada pela situação relacional). Por fim, são discutidas possíveis explicações em relação aos resultados dos três estudos, que não foram de encontro à revisão teórica. Também são referidos os contributos, as limitações e as implicações deste estudo, bem como são apresentadas sugestões para futuras investigações.

I – Enquadramento conceptual

Comportamentos extra-diádicos

Nas relações monogâmicas (i.e., relações que envolvem exclusivamente duas pessoas), entende-se por comportamentos extra-diádicos (CED)¹ o envolvimento de um indivíduo em comportamentos de natureza emocional e/ou sexual, com alguém fora da relação romântica primária, a única em que o envolvimento nestes comportamentos é aceitável (Luo et al., 2010). O envolvimento em CED é frequentemente considerado como um ato de infidelidade (Cartun, 2009) e a existência de dois tipos de CED é atualmente consensual: a *sexual* (i.e., envolvimento numa relação sexual com outra pessoa que não o parceiro) e a *emocional* (i.e., apaixonar-se por outra pessoa que não o parceiro primário; Miller & Maner, 2009).

Segundo Cartun (2009), os indivíduos, de ambos os sexos, que reportam envolver-se em CED tendem a fazê-lo múltiplas vezes, enfatizando assim os resultados que mostram que os participantes que se envolvem uma vez em CED sexuais têm maior probabilidade de reportar novos envolvimento (e.g., Banfield & McCabe, 2001; Wiederman, 1997a; Wiederman & Hurd, 1999). No âmbito das variáveis relativas à história sexual, também o número de parceiros sexuais tem sido associado ao envolvimento em CED (Allen & Baucom, 2004; Spanier & Magolis, 1983; Traeen, Holmen, & Stigum, 2007; Wiederman, 1997b). Recentemente, num estudo nacional focado nos CED *offline* (também designados presenciais ou face-a-face) e

¹ A investigação relativa à infidelidade e ao que esta abrange, tem merecido a atenção de diversos autores, ainda que usando uma terminologia vasta e por vezes imprecisa. Deste modo, para designar infidelidade, surgem diversos termos como envolvimento extra-diádico, relações extra-diádicas, relações extraconjugais e “ter um caso” (*affair*). O termo comportamentos extra-diádicos será usado no presente trabalho, quando nos referirmos a comportamentos de infidelidade mais específicos e, para referenciar esses comportamentos num contexto mais geral, usaremos a denominação infidelidade. Além disso, teremos ainda em consideração o uso diferenciado de cada expressão, de forma a refletir a designação utilizada nos diversos estudos revistos.

online nas relações de namoro, Martins (2012) observou que tal relação foi particularmente evidente entre as mulheres, embora estas, comparativamente aos homens, tenham reportado um número inferior de parceiros sexuais.

No casamento, pela exclusividade e grau de compromisso que lhe está associado (Hazan & Shaver, 1994a; Lieberman, 1988), o envolvimento em CED é, frequentemente, alvo de desaprovação social (Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2005; Lieberman, 1988; Mark et al., 2011). Estudos recentes (e.g., Wilkinson et al., 2012) referem que as relações extraconjugais são consideradas o terceiro problema conjugal mais difícil de solucionar e o segundo problema com impacto mais negativo na relação do casal. Inclusive, pelas implicações dos CED, muitas vezes o prejuízo causado conduz à própria dissolução da relação (Allen et al., 2008; Amato & Previti, 2003; Hall & Fincham, 2009; Wilkinson et al., 2012).

De acordo com Amato e Rogers (1997), os problemas conjugais - também por vezes designados como dificuldades (e.g., Allen & Atkins, 2005) ou conflitos conjugais (e.g., Atkins et al., 2001) - como o envolvimento em infidelidade (sexual), o ciúme, o consumo de álcool, drogas ou ambos, o gasto da totalidade do dinheiro, o mau humor, a ausência de comunicação, a raiva e hábitos irritantes parecem aumentar a probabilidade de divórcio. Apesar da diversidade de problemas conjugais reportados, no estudo de Amato e Previti (2003), uma das dificuldades mais comumente citada como causa de divórcio foi a infidelidade, aparecendo o envolvimento em CED sexuais, de acordo com Amato e Rogers (1997), como justificação frequente para problemas na relação. Nesta linha, acrescenta-se que Atkins et al. (2001) reportaram que autorrelatos de conflitos conjugais e insatisfação são mais frequentes em indivíduos com uma história de infidelidade, relativamente aos que não têm esse historial.

Apesar de escassos, existem alguns estudos que investigaram o papel dos problemas conjugais nos CED, como o de Spanier e Margolis (1983), que a partir de uma amostra de indivíduos separados ou divorciados, encontraram que cerca de 70% (69% dos homens e 71% das mulheres) dos indivíduos que se envolveram em CED (sexuais) reportaram que o seu envolvimento nesses comportamentos extraconjugais se devia maioritariamente a problemas conjugais. Com o intuito de averiguar a influência das questões conjugais no envolvimento em CED, assinala-se também o estudo de Allen (2001, citado em Allen et al., 2005), no qual o autor pediu aos participantes que recordassem aspetos conjugais anteriores ao envolvimento em CED. Os resultados demonstraram que 36% dos participantes que se tinham envolvido em CED mencionaram problemas conjugais e 42% reportaram insatisfação sexual antes do início do envolvimento mais recente.

Os problemas ou conflitos conjugais conduzem frequentemente a *distress* conjugal - i.e., a um mal-estar psicológico entre o casal -, sendo a sua prevalência aproximadamente de 20% em casais casados (Lebow, Chambers, Christensen, & Johnson, 2012). Allen et al. (2005) mostraram precisamente esta associação entre os problemas conjugais, singularizando contudo o envolvimento em CED e o *distress* conjugal no casamento, ao distinguirem as diferentes fases que refletem o envolvimento em CED. Por

exemplo, os fatores predisponentes (“*Setting the Stage*”) ao envolvimento em CED e os fatores precipitantes (“*Crossing the Line*”), bem como a manutenção do relacionamento extra-diádico e a sua divulgação ou descoberta, espelham elevados conflitos, distanciamento emocional e um aumento e/ou alteração de *distress* - i.e., um desequilíbrio no bem-estar psicológico individual e conjugal. No mesmo estudo, Allen et al. enfatizaram que deve ser claro que algumas variáveis operam em algumas fases temporais de forma similar, dando como exemplo o *distress* conjugal, o qual pode aumentar o risco de CED em todas as fases.

Apesar de alguns estudos (e.g., Allen & Atkins, 2005) referirem que as dificuldades conjugais já estão presentes antes do começo da relação extraconjugal, a relação entre os problemas do casal e o envolvimento em CED parece ainda não ser clara, no sentido em que não se pode determinar se estes antecedem, coocorrem ou sucedem sempre a este comportamento. Neste contexto, investigações longitudinais futuras seriam fundamentais para providenciar informação a este respeito. O mesmo se sucede em relação à associação entre o *distress* emocional e o envolvimento em CED, aspeto que abordaremos mais em diante.

Prevalência dos CED

Como referido, as relações extraconjugais são apontadas como um dos problemas conjugais que tem maior probabilidade de conduzir ao divórcio (Amato & Previti, 2003). Contudo, não deixam de ser frequentes (Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2005; Atkins et al., 2001; Blow & Hartnett, 2005b; Fincham, Lambert, & Beach, 2010; Mark et al., 2011; Wilkinson et al., 2012), tendo alguns estudos encontrado uma prevalência de 25% no sexo masculino e 15% no sexo feminino (Allen et al., 2005; Blow & Hartnett, 2005b). Em contraste com estes dados e segundo a revisão apresentada no estudo conduzido por Luo et al. (2010), as taxas de prevalência são muito variáveis (entre 20% a 75%), resultantes da variabilidade de definições e de medidas em redor dos CED, mas também do tipo de amostras analisadas, em particular, tendo em consideração a natureza das relações dos participantes (e.g., namoro, casamento, coabitação).

Por exemplo, no namoro, as prevalências globais mínimas de infidelidade encontradas foram de 24% (Hansen, 1987), sendo que alguns estudos encontraram uma prevalência superior a 70% (e.g., Allen & Baucom, 2006; Yarab, Sensibaugh, & Allgeier, 1998). Relativamente ao género, as prevalências encontradas no sexo masculino variaram entre 35% e 90% e no sexo feminino entre 12% e 81% (Allen & Baucom, 2006; Hansen, 1987; Wiederman & Hurd, 1999; Yarab et al., 1998). Ainda no contexto das relações de namoro, note-se os estudos mais recentes de Luo et al. (2010) e Martins (2012), que diferenciaram as prevalências em 23 CED presenciais. No estudo de Luo et al., a taxa de incidência nos CED presenciais para os homens variou entre 9.9% (sexo anal) e 83.6% (*flirting*). Já para as mulheres a taxa oscilou entre 4.7% (sexo anal) e 68.6% (queixas sobre o parceiro/relação). Por sua vez, no estudo conduzido por Martins numa amostra

nacional, dos 494 participantes (com idades compreendidas entre os 18 e os 43 anos) 63.5% dos homens e 56.5% das mulheres indicaram já se ter envolvido em CED presenciais durante a atual relação primária. No que respeita aos CED específicos, a taxa de incidência nos CED presenciais variou entre 7% (sexo anal) e 42.3% (queixas sobre o parceiro/relação) nos homens, enquanto nas mulheres se situou entre 1.5% (masturbou-se na presença de outra pessoa) e 40.5% (queixas sobre o parceiro/relação).

Alguns estudos (e.g., Glass & Wright, 1985), que utilizam amostras comunitárias, encontraram uma taxa de prevalência global de 49%, em relação a um envolvimento extraconjugal sexual e uma percentagem global de 50%, relativamente a um envolvimento extraconjugal emocional. Quanto às diferenças de género verificou-se um predomínio, entre os homens, no envolvimento extraconjugal sexual (62%) e emocional (51%), comparativamente às mulheres (37% e 49%).

Contrariamente às taxas de prevalência anteriormente reportadas, as prevalências encontradas até ao momento em indivíduos casados são mais baixas, facto que não surpreende pela exclusividade e grau de compromisso a que o casamento é associado (Hazan & Shaver, 1994a; Lieberman, 1988). A este respeito, em amostras com representatividade nacional, em países como a Finlândia, Estónia, Rússia, Noruega e Estados Unidos da América, a prevalência global destes comportamentos, no casamento, variou entre 2.9% e 46% (Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2008; Haavio-Mannila & Kontula, 2003; Traeen et al., 2007; Wiederman, 1997a). Relativamente ao género, nestes mesmos estudos, a prevalência destes comportamentos, nos homens, variou entre 4.1% e 53% e, nas mulheres variou entre 1.7% e 39%. Note-se que embora a maioria destes estudos também tenha considerado os indivíduos a coabitar, do nosso conhecimento, não existem estudos que tenham estudado exclusivamente as taxas de incidência e prevalência, no contexto das uniões de facto.

Limitações na investigação sobre o envolvimento em CED e o interesse pelos CED *online*

Os estudos existentes sobre o envolvimento em CED comportam algumas limitações, nomeadamente pelo facto de a maioria dos estudos não apresentar uma definição operacional clara dos CED (Allen et al., 2005; Luo et al., 2010) e utilizar termos vagos como “ter um caso” (*affair*) (Bogaert & Sadava, 2002), infidelidade sexual e emocional (Allen et al., 2008) ou “comportamento romântico e sexual” (Allen & Baucom, 2006, p. 309). Por outro lado, muita da investigação existente tem-se focado unicamente nos CED sexuais (Blow & Hartnett, 2005a; Brand, Markley, Mills, & Hodges, 2007; Luo et al., 2010), tendendo a não considerar a dimensão deste fenómeno. Adicionalmente, só recentemente a investigação começou a considerar os CED *online*, i.e., comportamentos mediados pelo computador ou telefone (Merkle & Richardson, 2000; Whitty, 2003). Por este motivo, torna-se preponderante adotar uma definição conceptual mais clara dos CED, que inclua um espectro de vários comportamentos específicos (Luo et

al., 2010; Yarab et al., 1998). Este facto justifica a pertinência deste estudo, que pretende estudar as taxas de prevalência de CED específicos nas modalidades presencial e *online*, nos diferentes contextos relacionais, tendo em consideração as diferenças de género.

O facto dos estudos na área analisarem comportamentos socialmente reprováveis, incrementa a dificuldade em aceder a informação por parte de pessoas que se envolveram em CED (Blow & Hartnett, 2005a; Mark et al., 2011). Por exemplo, Blow e Hartnett (2005a) observaram que alguns participantes podem sobre reportar, enquanto outros podem sub reportar a sua realidade, facultando informação sobre as suas fantasias, em detrimento da realidade dos factos. Por sua vez, Fincham et al. (2010) afirmaram que, dada a desaprovação deste comportamento ser elevada, a investigação é fragilizada pelo facto de as pessoas poderem responder de acordo com o socialmente desejável e, por este motivo, o estudo dos CED deve ser mais aprofundado. As limitações mencionadas e as implicações no bem-estar individual, relacional e sexual do casal (Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2005; Allen et al., 2008; Mark et al., 2011), sustentam, de igual modo, a importância deste estudo.

A investigação tem indicado ainda que os indivíduos acreditam que a infidelidade pode ocorrer tanto na modalidade presencial como na *online* (Henline, Lamke, & Howard, 2007; Whitty, 2003). Apesar de só mais recentemente a investigação ter começado a considerar os CED *online* (Merkle & Richardson, 2000; Whitty, 2003) autores como Merkle e Richardson (2000) referem que a frequência de envolvimento em relações extra-diádicas nesta modalidade é suscetível de aumentar, motivo que concorre para a relevância de considerar também esta modalidade de CED.

O facto de as relações românticas *online* serem reportadas pelos participantes como tão “autênticas” (Whitty, 2003), próximas e tão ou mais importantes que as relações românticas presenciais (Merkle & Richardson, 2000), assim como a possibilidade de essas relações *online* poderem influenciar significativamente os casamentos e as uniões de facto (Henline et al., 2007; Merkle & Richardson, 2000), tem justificado o interesse crescente por esta modalidade de CED.

Alguns estudos (e.g., Whitty, 2003) indicam que a infidelidade *online* inclui componentes emocionais e sexuais, o que é consistente com a investigação sobre a infidelidade tradicional (presencial) (Henline et al., 2007). Neste âmbito, o estudo de Whitty (2003) enfatizou que os indivíduos distinguem claramente infidelidade *online* emocional de sexual. Henline et al. (2007) investigaram as semelhanças, diferenças e as potenciais ligações entre a infidelidade *online* e a tradicional, destacando que cerca de 39% dos participantes consideraram que o envolvimento emocional *online* é um comportamento que constitui infidelidade. Nesta linha, e sobretudo para o sexo feminino, a infidelidade emocional *online* é considerada como causadora de maior sofrimento comparativamente à relação sexual *online*, pela possibilidade de um encontro “cara-a-cara” (i.e., presencial) e possível envolvimento sexual com o contato *online* (Henline et al., 2007) e subsequente continuação da relação na modalidade presencial (Whitty,

2003). A este respeito, Henline et al. explicaram que as interações *online* se destacam pelo facto de a partilha de intimidade ocorrer mais rapidamente que no contexto tradicional. Além disso, os resultados deste estudo sugeriram que homens e mulheres consideram que a infidelidade emocional e sexual mediada pelo computador é suscetível de ocorrer em simultâneo, dado que os participantes do estudo entenderam que um encontro presencial com o contato *online* é mais provável de suceder no decurso de infidelidade emocional, em comparação à sexual *online*. No mesmo estudo, os homens foram considerados como mais propensos a envolverem-se em relações sexuais num encontro presencial com o contato *online*, após infidelidade emocional e sexual *online*.

Por ser mais recente, são mais escassos os estudos que avaliaram a prevalência do envolvimento em interações extra-diádicas no contexto *online*. De facto, apesar de Whitty (2003) ter revelado que 74% dos participantes da sua amostra indicaram estar numa relação *online* e que, em relação à experiência sexual mediada pela Internet, 36% admitiram ter experimentado *conversas quentes* (“hot chatting”), Henline et al. (2007) apontaram que a prevalência deste fenómeno não foi ainda empiricamente estabelecida. Com efeito, os já citados estudos de Luo et al. (2010) e Martins (2012) são os dois únicos, do nosso conhecimento, que apresentaram e diferenciaram as taxas de prevalência em 13 CED *online* para homens e mulheres, no contexto das relações de namoro. Nesta modalidade, a percentagem de CED no estudo de Luo et al., situou-se entre 8.1% (visitou um *site* de encontros) e 70.2% (*flirting*) nos homens. Para as mulheres, a percentagem variou entre 4.1% (visitou um *site* de encontros) e 52.9% (queixas sobre o parceiro/relação). No estudo de Martins, 46.2% e 39.2% dos homens e das mulheres, respetivamente, reportaram que já se envolveram nestes comportamentos. A percentagem no sexo masculino variou entre 5.7% (teve um parceiro de “reserva”) e 34.6% (queixas sobre o parceiro/relação). Em relação às mulheres, a percentagem variou entre 0.6% (visitou um *site* de encontros) e 27.2% (queixas sobre o parceiro/relação).

Os estudos empíricos pioneiros mencionados (Luo et al., 2010; Martins, 2012) resultaram do interesse em obter uma melhor compreensão das relações íntimas amorosas, bem como do potencial impacto negativo no bem-estar individual e relacional do casal (Allen et al., 2005; Gordon, Baucom, & Snyder, 2004; Mark et al., 2011). Na continuidade destes estudos tem igualmente interesse avaliar, as taxas de prevalência em contextos relacionais distintos (e.g., casamento e coabitação).

Vinculação no contexto das relações amorosas e dos CED

O contexto das relações amorosas e o envolvimento em CED podem ser entendidos à luz da teoria da vinculação (Bowlby, 1969/1982).

Bowlby (1969/1982) propôs que é desde a infância, que as crianças tendem a formar fortes laços emocionais com as suas figuras mais próximas, designadas de figuras de vinculação. Deste modo, o estilo de vinculação consiste num laço emocional que diz respeito à representação mental que os

indivíduos formam através das suas relações de vinculação com os primeiros cuidadores (Crowell & Waters, 1994; Hazan & Shaver, 1994a, 1994b). Essas relações primárias são um protótipo para relações afetivas futuras, conduzindo a que a teoria da vinculação se torne relevante na compreensão das relações amorosas entre adultos (Bogaert & Sadava, 2002; Crowell & Waters, 1994; Feeney, 1999; Hazan & Zeifman, 1999).

A investigação de Bowlby (1969/1982), apesar de bastante centrada na vinculação durante a infância, não deixou, porém, de considerar a importância da vinculação ao longo do ciclo de vida. Com efeito, Bowlby considerou que a vinculação nas crianças é semelhante, na sua natureza, à vinculação na idade adulta, referindo poucas diferenças no estabelecimento dos laços emocionais entre as crianças e as figuras de vinculação e as relações afetivas entre pares ou companheiros românticos (Canavarro, Dias, & Lima, 2006). A revisão da literatura ressalta como a diferença mais significativa o carácter complementar das relações de vinculação na infância, em comparação com a natureza tipicamente recíproca das relações de vinculação estabelecidas entre adultos (Crowell, Fraley, & Shaver, 1999; Crowell & Waters, 1994; Hazan & Zeifman, 1999). No entanto, é necessário salientar que as relações que se estabelecem na vinculação na idade adulta comportam, muitas vezes, envolvimento sexual. Assim, os estilos de vinculação no adulto são também importantes na compreensão do envolvimento em CED (Allen & Baucom, 2004) e, pelo número mais limitado de estudos, exigem mais investigação.

Na década de 80, o desenvolvimento empírico da teoria da vinculação iniciou uma nova fase, graças ao contributo de trabalhos relativos à vinculação durante a idade adulta como, por exemplo, “os estudos de Main e da sua equipa sobre a dimensão representacional da vinculação, dos quais resultou a construção da *Adult Attachment Interview* (AAI; George, Kaplan & Main, 1984)” (Canavarro et al., 2006, p. 156).

A vinculação na idade adulta tem sido compreendida a partir dos designados modelos internos dinâmicos (*working models*), os quais são postulados por Bowlby (1973) como relativamente estáveis ao longo do tempo. Apesar da constância sugerida por Bowlby, relativamente a estes modelos representacionais, o facto de estes terem sido adjetivados de dinâmicos enfatiza a possibilidade de desenvolvimento de formas mais complexas na organização de experiências de vinculação (Canavarro et al., 2006). Adicionalmente, segundo Bowlby, os modelos internos dinâmicos guiam pensamentos, sentimentos e o subsequente comportamento em relações íntimas. A este respeito, Crowell et al. (1999) fomentaram que a vinculação do adulto supunha a presença de diferenças individuais no contexto das relações interpessoais. A curiosidade por estas particularidades tem conduzido, na última década, a uma crescente atenção na vinculação na idade adulta, no contexto das relações íntimas. No decurso deste interesse, e segundo Simpson e Rholes (1998, citados em Holmes & Johnson, 2009) destacam-se duas linhas de investigação: uma centrada na representação da vinculação com as figuras de vinculação na infância e ao longo do desenvolvimento, veiculada pela AAI; e outra direcionada para o relevo da

vinculação no contexto das relações íntimas amorosas. Desta forma, com o intuito de investigar a maneira como os indivíduos interagem com os seus parceiros românticos, tem havido um interesse crescente em estudar a associação entre os estilos de vinculação e o envolvimento em CED (e.g., Allen & Baucom, 2004; Bogaert & Sadava, 2002; Cartun, 2009; DeWall, Lambert, et al., 2011). Também o facto de os CED terem importantes e significativas implicações no bem-estar individual e relacional dos indivíduos (Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2005; Allen et al., 2008; Mark et al., 2011), suscita mais ainda o interesse no estudo destas temáticas, nomeadamente, a associação aos estilos de vinculação.

Abordagem dimensional e categorial da vinculação

A investigação revela a existência de duas dimensões dos estilos de vinculação: *evitamento*, que retrata o grau de desconforto que as pessoas sentem pela proximidade, intimidade e dependência dos outros; e *ansiedade*, que representa a medida em que as pessoas se tendem a preocupar com questões relacionadas com a vinculação, tais como a disponibilidade e a capacidade de resposta de uma figura de vinculação, pelo medo do abandono e da rejeição (Bottonari, Roberts, Kelly, Kashdan, & Ciesla, 2007; DeWall, Lambert, et al., 2011; Fraley, Heffernan, Vicary, & Brumbaugh, 2011; Givertz & Safford, 2011; Holland, Fraley, & Roisman, 2012; Holmes & Johnson, 2009; Mikulincer, Florian, Cowan, & Cowan, 2002; Mikulincer & Shaver, 2012).

Na dimensão evitamento, os sujeitos desejam manter-se relativamente distantes dos seus parceiros, comprometendo-se menos com a relação, pela preocupação em ter autonomia suficiente nas relações (Allen & Baucom, 2004; DeWall, Lambert et al., 2011). Em oposição, pessoas que apresentem elevados níveis na dimensão ansiedade tendem a experimentar ambivalência, devido a um desejo de proximidade e de evitamento da rejeição (Allen & Baucom, 2006; Campbell, Simpson, Boldry, & Kashy, 2005). Num estudo de DeWall, Lambert et al. (2011) a dimensão ansiedade não se associou ao interesse por parceiros alternativos, resultado que vai ao encontro dos que apontaram que a dimensão ansiedade prediz um forte desejo de compromisso romântico (Feeney & Noller, 1990, citados em Joel, MacDonald, & Shimotomai, 2011) e também fortes desejos de intimidade e estabilidade nas relações íntimas amorosas (Joel et al., 2011).

No que respeita aos estilos de vinculação na idade adulta, de forma geral, a maioria dos autores propõe a existência de um estilo seguro e de vários estilos inseguros. Por exemplo, Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) propõem um estilo de vinculação seguro e dois estilos inseguros: evitante e ansioso/ambivalente. Na perspectiva de Bartholomew e Horowitz (1991), com base em diferentes níveis das dimensões de evitamento e de ansiedade, foram construídos quatro protótipos dos estilos de vinculação: seguro, preocupado, desligado e amedrontado.

Para as duas abordagens, o estilo de vinculação seguro caracteriza-se por níveis baixos de evitamento e ansiedade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Holland et al., 2012). Por este motivo, indivíduos com este estilo

sentem-se confortáveis e íntimos quando estão próximos do companheiro e não se preocupam excessivamente com o abandono (Allen & Baucom, 2004; Bogaert & Sadava, 2002). São dotados de recursos que lhes permitem desenvolver maior autoestima, independência e autonomia; relações mais duradouras e positivas com figuras significativas; confiança e intimidade (Bowlby; 1969/1982). Ainda, mostram resiliência perante adversidades, e melhores estratégias de resolução em situações de conflito (Cozzarelli, Karafa, Collins, & Tagler, 2003; Joel et al., 2011). Igualmente, têm uma visão positiva de si mesmos como merecedores de afeto, bem como uma percepção positiva dos demais como aceitáveis e responsivos (Holmes & Johnson, 2009).

Na proposta de Ainsworth et al. (1978), o estilo de vinculação *evitante* caracteriza-se pelo desconforto com a intimidade e proximidade. Os indivíduos com este estilo são emocionalmente distantes e indiferentes e apresentam grandes dificuldades em confiar e depender dos outros (Bogaert & Sadava, 2002; Hazan & Shaver, 1994a). Por sua vez, o estilo de vinculação *ansioso/ambivalente* é definido por relações de dependência e conflito. Os indivíduos ansiosos/ambivalentes têm uma percepção enviesada dos outros: vêem-nos como pouco seguros e confiáveis e, por isso, temem que os seus companheiros os abandonem (Bogaert & Sadava, 2002; Hazan & Shaver, 1994a).

Globalmente, os indivíduos com um estilo de vinculação inseguro aparentam ter mais dificuldades no domínio interpessoal, onde se incluem as relações amorosas (Givertz & Safford, 2011; Mikulincer et al., 2002), sendo mais propensos a perceber situações interpessoais indutoras de stresse como uma confirmação de que não dispõem de competências sociais (Sroufe & Fleeson, 1986, citados em Canavaro, 1999). Adotando a tipologia de Bartholomew e Horowitz (1991), os estilos de vinculação preocupado, desligado e amedrontado são, todos eles, considerados estilos de vinculação inseguros. Os baixos níveis de evitamento, mas elevados de ansiedade caracterizam o estilo de vinculação *preocupado*: indivíduos com este estilo têm um modelo negativo de si, razão que os leva a rejeitar a distância e rejeição por parte dos outros. Demonstram também uma incessante preocupação relativa à necessidade de que os outros os aceitem e avaliem positivamente. Quanto aos estilos de vinculação *desligado* e *amedrontado*, ambos refletem elevados níveis de evitamento. No entanto, o primeiro associa-se a baixos níveis de ansiedade: indivíduos desligados vêem-se como merecedores de cuidados dos outros, embora a sua representação dos mesmos seja de que estes não respondem às suas necessidades. Esta interpretação, acrescida ao seu desejo de autonomia e independência, leva-os a subestimar a necessidade das relações interpessoais pelo desconforto que sentem com intimidade e proximidade. Por outro lado, o estilo *amedrontado* caracteriza-se também por altos níveis de ansiedade e, a avaliação que estes indivíduos fazem de si e dos outros é negativa. Em contraste aos indivíduos desligados, os indivíduos amedrontados desejam proximidade com os outros mas, e pelo medo de rejeição, optam por manter-se distantes de forma a protegerem-se (Allen & Baucom, 2004; Bartholomew & Horowitz 1991;

Holmes & Johnson, 2009).

Como referido anteriormente, a vinculação no adulto tem tido como referencial o princípio da teoria da vinculação de Bowlby, de que os modelos internos dinâmicos das pessoas são estáveis ao longo do tempo. Não obstante, as posições dos investigadores face a esta premissa, não são consensuais (Fraley, 2002; Fraley, Vicary, Brumbaugh, & Roisman, 2011; Feeney, 1999). Deste modo, o interesse em perceber a estabilidade e mudança na vinculação às figuras materna e paterna, e ao companheiro, levou Fraley, Vicary et al. (2011) a desenvolverem duas investigações longitudinais, tendo como objetivo avaliar as perspetivas teóricas mais recentes e alternativas ao princípio postulado pela teoria da vinculação. Para abordar a questão relativa à estabilidade dos modelos internos dinâmicos no adulto, os autores estudaram adultos envolvidos em relações íntimas amorosas e avaliaram a representação que estes indivíduos tinham às diferentes figuras de vinculação, como por exemplo às figuras materna, paterna, companheiro e amigos. Num primeiro estudo, as representações da vinculação às diferentes figuras foram avaliadas diariamente e durante 30 dias e num segundo estudo a avaliação ocorreu semanalmente e ao longo de 12 meses. Nestas investigações, as dimensões da vinculação ansiedade e evitamento e os diferentes domínios relacionais (mãe, pai, companheiro e amigos) foram correlacionadas. Os resultados mostraram que as dimensões de evitamento e ansiedade tenderam a correlacionar-se de forma moderada ou elevada dentro de cada domínio relacional. Estes investigadores verificaram que pessoas relativamente ansiosas nas suas relações amorosas com os seus companheiros tenderam, também, a reportar algum grau de ansiedade na relação de vinculação com a figura materna. No contexto específico das relações íntimas amorosas, os dados indicaram que a estabilidade na vinculação ao companheiro foi menor, por comparação à estabilidade na vinculação à mãe e ao pai, justificada sobretudo pela menor duração da relação estabelecida com o parceiro.

Vinculação no adulto e CED

Apesar de, como referido anteriormente, serem poucos os estudos que associam a vinculação no adulto ao envolvimento em CED, as evidências empíricas até ao momento preconizam uma real e importante associação entre os CED e os estilos de vinculação, enfatizando, no geral, que um estilo de vinculação inseguro se associa a níveis mais elevados de infidelidade (Allen & Baucom, 2004; Allen et al., 2005; Blow & Hartnett, 2005b; Bogaert & Sadava, 2002; Cartun, 2009; DeWall, Lambert, et al., 2011), comparativamente a um estilo de vinculação seguro.

Alguns estudos concluíram que os indivíduos seguros relatam gostar do contacto físico, sexual ou não, sendo por isso menos frequente o seu envolvimento em encontros casuais fora da relação amorosa primária e, por conseguinte, são mais capazes de manter relações estáveis e de longa duração, bem como de sofrer menos ruturas na relação (Bogaert & Sadava, 2002; Mikulincer et al., 2002).

Uma vez que um estilo de vinculação inseguro é definido por elevados

níveis nas dimensões evitamento e/ou ansiedade, os investigadores nesta área têm-se baseado nos resultados obtidos na associação dos CED a cada uma das dimensões da vinculação, para justificar a associação feita em alguns estudos (e.g., Allen & Baucom, 2004; Allen et al., 2005; Blow & Hartnett, 2005b; Bogaert & Sadava, 2002) entre um estilo de vinculação inseguro e a maior probabilidade de reportar CED.

A dimensão evitamento tem sido, em particular, positivamente associada aos CED. Por exemplo, Cartun (2009) observou uma associação significativa positiva com os CED *online* emocional e uma associação significativa negativa com os CED *online* sexual, nas mulheres. Quanto aos CED cara-a-cara (presenciais), a associação, ainda que positiva, não foi estatisticamente significativa. O mesmo se sucedeu nos homens: a relação encontrada foi positiva com os três tipos de CED citados, mas nenhuma teve significância estatística. Trabalhos mais recentes de DeWall, Lambert et al. (2011) vieram reforçar esta ideia, particularizando, todavia, que a dimensão evitamento prediz o aumento de infidelidade emocional e sexual, com o decorrer do tempo, devendo-se esta associação ao marcado desconforto nas relações íntimas amorosas. Estes investigadores apontaram que esta dimensão mostrou estar positivamente associada às percepções de infidelidade e a elevados processos de ordem cognitiva como atitudes, bem como a uma maior tendência para observar alvos do sexo oposto e, por conseguinte, envolver-se em infidelidade. Os resultados deste estudo concluíram ainda que indivíduos evitantes revelaram maiores níveis de interesse em conhecer pessoas do sexo oposto, quer nas relações de namoro, quer em relações conjugais, interesse esse acrescido quando os níveis de compromisso com o companheiro eram baixos. Deste modo, um menor compromisso com a relação leva à ocorrência de comportamentos que colocam em risco o bem-estar do relacionamento (e.g., CED) e que podem resultar na sua dissolução.

Por outro lado, em relação à associação entre a dimensão ansiedade e o envolvimento em CED, alguns investigadores indicaram uma relação positiva entre esta dimensão e a infidelidade (e.g., Allen & Baucom, 2004; Bogaert & Sadava, 2002). Neste contexto, Lewandowski e Ackerman (2006) apontaram que um baixo cumprimento de necessidades de intimidade, companheirismo, sexo, segurança e envolvimento emocional tende a estar positivamente associado à vulnerabilidade à infidelidade. Aliás, de acordo com Cartun (2009), faz sentido que estes indivíduos sejam propensos a envolver-se em CED como forma de aliviar esses receios constantes e para satisfazer os seus desejos de intimidade. No entanto, no estudo desta autora, foi encontrada uma relação negativa e significativa, nas mulheres, entre a dimensão ansiedade e os CED *online* de natureza sexual. Pelo contrário, a associação encontrada com os CED *online* de natureza emocional e com os CED presenciais, ainda que positiva e negativa, respetivamente, não foi significativa. Uma vez mais, a associação encontrada nos homens não foi estatisticamente significativa com os três tipos de CED já mencionados.

Em suma, a literatura tem mostrado que a teoria da vinculação no adulto é um modelo compreensivo nas relações íntimas amorosas. Nesta

linha, é perceptível que esta teoria também oferece explicações plausíveis para o envolvimento em CED. Ainda assim, tornam-se prementes mais estudos que clarifiquem o envolvimento extra-diádico no contexto da vinculação no adulto. Recorrendo à teoria da vinculação enquanto modelo explicativo nas relações amorosas, o presente estudo tem como propósito afigurar-se como uma contribuição nesta área de investigação: pretende avaliar a associação entre as dimensões de vinculação às diferentes figuras significativas (mãe, pai e companheiro) e o envolvimento em CED nos distintos contextos relacionais (solteiros, casados e em união de facto), nas modalidades presencial e *online*.

Vinculação e psicopatologia

A teoria da vinculação fornece igualmente um enquadramento teórico para explicar a sintomatologia psicopatológica. Alguns estudos revelam a existência de evidências relativamente à associação entre os estilos de vinculação e a presença de sintomatologia psicopatológica, como a ansiedade e depressão (e.g., Feeney, 1999; Hazan & Shaver, 1994a, 1994b). A literatura tem vindo a evidenciar ainda que, consoante o estilo de vinculação com as figuras significativas, os indivíduos podem ser mais suscetíveis de apresentar psicopatologia (Cozzarelli et al., 2003; Mikulincer & Shaver (2012).

Neste âmbito, a investigação tem mostrado que, por exemplo, a sintomatologia depressiva pode surgir em resultado de uma vinculação insegura (Cozzarelli et al., 2003; Givertz & Safford, 2011). A teoria da vinculação de Bowlby preconiza assim que um estilo de vinculação inseguro interfere num desenvolvimento estável e seguro. A capacidade de resiliência diminuída destes indivíduos resulta das interações inconsistentes e insensíveis que caracterizam este estilo de vinculação, tornando-os particularmente vulneráveis a problemas psicológicos (Mikulincer & Shaver, 2012). Nesta linha, alguns estudos sobre a vinculação no adulto e depressão enfatizaram esta associação ao ressaltar que os estilos de vinculação inseguros, nomeadamente evitantes e ansiosos/ambivalentes, estão associados a níveis mais elevados de psicopatologia, depressão e ansiedade (Bifulco et al., 2006). Tal como referido no contexto das relações amorosas, os adultos com um estilo seguro tendem a exibir respostas mais adaptativas perante situações adversas de conflito e stresse e, por conseguinte, menor probabilidade de evidenciarem sintomatologia psicopatológica (e.g., Cozzarelli et al., 2003; Joel et al., 2011).

Embora exista bastante evidência relativa à associação entre os estilos de vinculação inseguros e a presença de sintomatologia ansiosa e depressiva (Feeney, 1999; Hazan & Shaver, 1994a, 1994b; Mikulincer & Shaver, 2012), do nosso conhecimento, não existem estudos que analisam os estilos de vinculação, a presença de sintomatologia ansiosa e depressiva, tendo em consideração o envolvimento em CED. No entanto, a investigação existente tem revelado que algumas necessidades da vinculação (e.g., o estabelecimento de proximidade emocional, a reafirmação de amor e carinho

do companheiro e a regulação de *distress* emocional) são satisfeitas através de comportamentos sexuais, defendendo assim a importância das relações sexuais, por exemplo, na redução do stresse. Ainda, a proximidade a uma figura de vinculação fornece frequentemente conforto e alivia o *distress* e, ao mesmo tempo, pode favorecer a diminuição dos níveis de ansiedade (Davis, Shaver, & Vernon, 2004), os quais interferem o modo de funcionamento das relações íntimas amorosas.

Ansiedade e depressão no contexto do envolvimento em CED

As relações íntimas amorosas desempenham um papel central na vida da maioria das pessoas, constituindo um aspeto fundamental da natureza humana (DeWall, Maner, Deckman, & Rouby, 2011). Neste sentido, é compreensível que o seu funcionamento seja suscetível de influenciar e de ser influenciado pela saúde mental de ambos os parceiros. De facto, a investigação relativa ao modo de funcionamento das relações íntimas tem sido associada à presença de sintomatologia psicopatológica e a perturbações psiquiátricas (Baucom, Whisman, & Paprocki, 2012; Whisman & Baucom, 2012). Adicionalmente, a evidência empírica salienta que a qualidade da relação amorosa exerce grande impacto na saúde mental e é igualmente afetada pela saúde mental de ambos os parceiros (Atkins, Dimidjian, Bedics, & Christensen, 2009; Baucom et al., 2012; Whisman & Baucom, 2012).

Alguns investigadores (e.g., Allen et al., 2008; Hall & Fincham, 2009) apontam que os problemas de saúde mental podem tornar os indivíduos mais vulneráveis ao envolvimento em CED, reforçando os resultados de Atwood e Seifer (1997), que referem que os indivíduos que num dado momento se sentiram mais vulneráveis emocionalmente relataram envolvimento extra-diádicos. Nesta linha, na presença de insatisfação, a qualidade da relação conjugal deteriora-se, com aumento das taxas de infidelidade (Previti & Amato, 2004, citados em Allen et al., 2008). Outros autores (e.g., Kiecolt-Glaser & Newton, 2001; Whisman, Weinstock, & Uebelacker, 2002) revelam que a insatisfação também se associa a um aumento de depressão.

Whisman e Baucom (2012) ressaltam que de acordo com diversos estudos, uma diminuição no ajustamento da relação ocorre em paralelo a um aumento de sintomatologia depressiva. Estes autores salientam ainda que se o ajustamento da relação for mais baixo que o usual, os sintomas depressivos tendem a ser maiores. Por sua vez, deve ter-se em atenção que a depressão se associa frequentemente a uma diminuição no interesse sexual e, por este motivo, o relacionamento afetivo e sexual do casal pode ser afetado (Baucom et al., 2012), favorecendo o envolvimento em CED.

A qualidade das relações íntimas e, portanto, a saúde mental de ambos os parceiros pode ser afetada por conflitos ou problemas conjugais. Estudos mais recentes revelaram que o conflito nas relações se associa à prevalência de perturbações psiquiátricas (Baucom et al., 2012). Outros estudos têm debatido se os problemas conjugais são causa, correlato ou consequência da depressão (Whisman & Uebelacker, 2009). Desta forma, alguns estudos referem-se à depressão como um preditor de infidelidade, havendo outros

que a consideraram uma resposta à infidelidade. A infidelidade pode ainda ser considerada como um fator que predispõe o indivíduo à depressão (Gorman & Blow, 2008).

Spanier e Margolis (1983) referem que os indivíduos que se envolvem em infidelidade têm reações semelhantes à sintomatologia depressiva e ansiosa, sobretudo quando a revelação ou descoberta de infidelidade resulta em separação conjugal ou ameaça de divórcio. Estes autores encontraram que 34% dos homens e 59% das mulheres que se tinham envolvido em CED (sexuais) indicaram sentir “alguma” ou “muita culpa”. Alguns autores (e.g., Allen et al., 2008) sugerem uma possível explicação para este facto: os indivíduos que se envolvem em infidelidade reportam mais problemas de saúde mental (e.g., depressão ou ansiedade) em resultado do remorso ou das consequências negativas desse envolvimento. Também Christian-Herman, O’Leary e Avery-Folha (2001) reportaram que as mulheres apresentaram sintomatologia depressiva, quando experienciaram um episódio grave e negativo no seu casamento, como relações extraconjugais. Concretamente apontaram que 38% das mulheres que relataram envolvimento em relações extra-diádicas recentes apresentaram sintomas de depressão. Ressalte-se que neste estudo os autores não especificaram quem se envolveu neste tipo de comportamentos: se estas mulheres se os companheiros (Wilkinson et al., 2012).

De facto, problemas conjugais como a existência de relações extraconjugais podem conduzir a maior *distress* individual e conjugal (Gordon et al., 2004; Lebow et al., 2012), apesar de a investigação que estuda a associação entre infidelidade e *distress* se focar sobretudo nos indivíduos traídos, prestando pouca atenção aos indivíduos que incorrem em CED (Hall & Fincham, 2009). A ausência de estudos longitudinais na área, não permite ainda determinar com clareza o tipo de relação entre os conflitos nas relações, o *distress* e o envolvimento em CED. Mais especificamente, não é ainda claro se o *distress* experienciado pelos indivíduos infieis surgiu antes (podendo ser um possível preditor) ou se após a infidelidade (podendo ser uma possível consequência).

De forma a tentar esclarecer esta questão, Hall e Fincham (2009), realizaram um estudo com estudantes universitários envolvidos numa relação de namoro, no qual verificaram que a infidelidade e o *distress* psicológico se correlacionaram positiva e significativamente. Os indivíduos que reportaram níveis mais elevados de *distress* mostraram-se mais pendentes a apoiarem a infidelidade. Os autores sugeriram que quando uma tomada de decisão é inadequada (e.g., numa situação de stresse os indivíduos não considerarem todas as alternativas disponíveis antes de tomar uma decisão com respeito à relação) e coocorre com a apresentação de sintomatologia ansiosa ou depressiva, conduz a uma maior probabilidade de envolvimento em CED. Os resultados do estudo destes autores vieram consolidar investigações anteriores (e.g., Beach, Jouriles, & O’Leary, 1985; Spanier & Margolis, 1983) que documentaram uma associação positiva entre infidelidade e *distress* psicológico e que mostraram que os indivíduos que relatavam maiores níveis de stresse tinham maior probabilidade de adotar

atitudes favoráveis à infidelidade. Adicionalmente, as análises longitudinais realizadas mostraram que o *distress* psicológico num primeiro momento predizia a infidelidade, embora o contrário não se tenha verificado, isto é, a ocorrência prévia de infidelidade não foi preditor significativo de *distress* psicológico. É importante ter em atenção, no entanto, como sublinharam os autores, que o facto de a amostra ser composta por estudantes universitários em relações de namoro, pode ter interferido nos resultados, devido ao menor compromisso característico destas relações, em particular quando comparado ao casamento. Os autores ainda verificaram que os indivíduos que se envolveram em infidelidade, comparativamente aos que não se envolveram, reportavam níveis mais elevados de sintomatologia depressiva e menores níveis de bem-estar. Em síntese, os resultados apresentados neste estudo levam a crer que os problemas psicológicos funcionam como precursores de infidelidade, pelo menos nas relações de namoro, ao indicarem que a sintomatologia psicopatológica se associa a uma maior probabilidade de envolvimento em CED posterior. Do ponto de vista da investigação futura, torna-se, portanto, importante averiguar se estes resultados se confirmam noutras amostras compostas por outros contextos relacionais (e.g., casais casados, uniões de facto, separados e/ou divorciados). De igual modo, torna-se importante perceber se o *distress* emocional pode ser o mecanismo através do qual os indivíduos se envolvem em CED.

Acresce referir que os resultados obtidos por Hall e Fincham (2009) vão na mesma direção dos já apontados por outros autores (e.g., Beach et al., 1995; Spanier & Margolis, 1983). Todavia, contradizem outros estudos, nomeadamente o de Gordon et al. (2004), para os quais os participantes que se envolveram em relações extraconjugais relataram menor angústia individual, menor sintomatologia depressiva e *distress* conjugal global, por comparação aos parceiros que não se envolveram nestes comportamentos. Em convergência com os dados mais recentes do estudo de Hall e Fincham, Beach et al. (1995) examinaram os efeitos de relações extraconjugais sexuais na depressão e no compromisso em 120 casais, comparando indivíduos do mesmo sexo que se envolveram em infidelidade com indivíduos que não se envolveram. Neste estudo, foram as pessoas infiéis que relataram níveis mais elevados de depressão e menores níveis de compromisso.

Em suma, pelo impacto negativo individual, relacional e sexual que os CED exercem nas partes envolvidas, importa que a investigação se dedique a analisar com maior pormenor a associação entre a ansiedade e depressão e o envolvimento em CED. No nosso estudo, em particular, deter-nos-emos a avaliar esta associação tendo também em consideração as dimensões de vinculação ao companheiro, testando se a ansiedade e a depressão medeiam a associação entre a vinculação e a ocorrência de CED, quer em contexto presencial quer *online*. Ainda, perante a inexistência de estudos, do nosso conhecimento, que associam o estilo de vinculação ao companheiro, a ansiedade e depressão no contexto dos CED presenciais e *online*, o presente trabalho pretende, também, providenciar nova informação a este respeito.

II – Objetivos

Diante do exposto, a presente investigação, centrada no envolvimento em CED, tanto na modalidade presencial (*offline*) como na modalidade *online* (ou seja, mediados pelo computador ou pelo telefone), procura superar algumas das limitações apontadas e pretende, igualmente, facultar novos dados nesta área de investigação. Por conseguinte, são apresentados três estudos.

O primeiro estudo tem como objetivo avaliar as taxas de incidência e prevalência do envolvimento extra-diádico nas modalidades de CED supramencionadas, em distintos contextos relacionais (namoro, casamento e união de facto), considerando as diferenças de género. Os objetivos específicos deste estudo assentam na comparação da ocorrência destes comportamentos, entre as distintas situações relacionais e género. Tendo por base a revisão realizada enunciam-se as seguintes hipóteses: **H1**: Entre os participantes solteiros, espera-se maior variabilidade na prevalência dos CED específicos, tanto na modalidade presencial como na *online*; **H2**: Nos diferentes contextos relacionais e em ambas as modalidades presencial e *online*, são esperadas diferenças de género, no que respeita à taxa de prevalência de envolvimento em CED, especificamente espera-se que as taxas de prevalência sejam superiores entre os participantes do sexo masculino.

O segundo estudo tem como objetivo principal comparar as dimensões de vinculação ansiedade e evitamento às diferentes figuras (materna, paterna e companheiro), em função do envolvimento ou não em CED e da situação relacional, bem como avaliar a associação entre as referidas dimensões e os CED presencial e *online*, nos diferentes contextos relacionais. Face à revisão da literatura formulam-se as seguintes hipóteses: **H3**: Em função do envolvimento ou não em CED presenciais e *online*, esperam-se associações positivas com a dimensão ansiedade e com o evitamento em relação ao companheiro. Não obstante, note-se que não existem, do nosso conhecimento, estudos que tenham avaliado explicitamente as dimensões mencionadas à figura materna e paterna e o envolvimento em CED, razão pela qual não são estabelecidas hipóteses de investigação; **H4**: Espera-se ainda que a associação ao envolvimento em CED seja mais consistente com a dimensão de vinculação evitamento.

O terceiro estudo tem como objetivo analisar a associação entre a sintomatologia psicopatológica, ansiedade e depressão, em função do envolvimento ou não em CED nas diferentes situações relacionais, bem como avaliar se a presença de *distress* emocional é mediador da associação entre a vinculação no adulto e o envolvimento em CED nas modalidades presencial e *online* (de acordo com o esquema apresentado na Figura 1). Uma revisão teórica centrada na vinculação e psicopatologia e na ansiedade e depressão no contexto do envolvimento em CED permitiu enunciar a seguinte hipótese: **H5**: Os indivíduos que reportaram envolvimento em CED

apresentarão maiores níveis de ansiedade e depressão, comparativamente aos participantes que não se envolveram em CED. Face à inexistência de estudos que, do nosso conhecimento, associam a sintomatologia psicopatológica, as dimensões de vinculação e o envolvimento em CED, não foram definidas hipóteses de investigação relativamente à possibilidade de mediação e moderação.

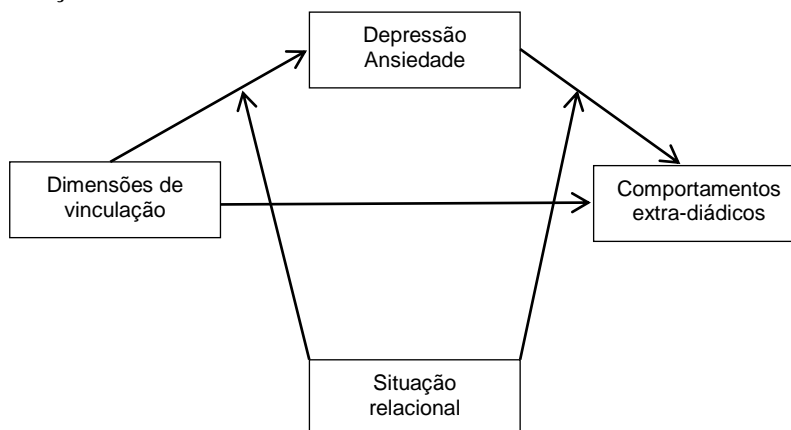


Figura 1. Modelo de moderação-mediação para a associação entre a vinculação e o envolvimento em CED

III – Metodologia

Participantes

Ao protocolo de avaliação responderam, no total, 866 participantes. Em termos de critérios de inclusão/exclusão, definiu-se que os participantes tinham de ter idade igual ou superior a 18 anos, ser heterossexuais e estar numa relação amorosa (namoro, casamento, união de facto) desde há pelo menos três meses. Foram excluídos das análises 236 participantes que não preencheram o Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos (ICED), 20 participantes separados/divorciados, sete participantes que reportaram outra orientação sexual e 45 participantes que reportaram não estar envolvidos numa relação. Assim, a amostra final do presente estudo foi composta por 558 participantes, dos quais 411 eram mulheres e 147 eram homens, com uma idade média de 30.64 anos e desvio-padrão (*DP*) de 10.72 (amplitude: 18-71 anos). Esta amostra foi utilizada no Estudo 1.

Amostra do Estudo 1

A amostra do Estudo 1 foi composta por 558 participantes, dos quais 411 eram do sexo feminino e 147 eram do sexo masculino e cujas idades estavam compreendidas entre os 18 e os 71 anos ($M = 30.64$; $DP = 10.72$). A amostra foi constituída por 44.4% participantes solteiros, 32.3% casados e 23.3% que viviam em união de facto. Em média, os participantes solteiros indicaram estar numa relação há aproximadamente 3 anos, os indivíduos casados reportaram uma relação próxima dos 16 anos e os participantes em

união de facto cerca de 5 anos. A maioria dos participantes solteiros (46.8%), casados (41.9%) e em união de facto (50%) referem habilitações ao nível de licenciatura. Quanto à religião, a maioria era católica (61.3% dos solteiros, 87.4% dos casados e 58.5% em união de facto) não praticante (63% dos solteiros, 57.1% dos casados e 79.7% em união de facto). As características sociodemográficas da amostra final encontram-se sumariadas no Quadro 1.

Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra 1 (N = 558)

	Solteiros (n = 248)	Casados (n = 180)	União de facto (n = 130)	χ^2	V de Cramer
	n (%)	n (%)	n (%)		
Sexo				10.34**	.14
Masculino	54 (21.8)	63 (35.0)	30 (23.1)		
Feminino	194 (78.2)	117 (65.0)	100 (76.9)		
Educação				53.83***	.22
Até ao 9º Ano	1 (0.4)	19 (10.6)	5 (3.8)		
Ensino secundário	52 (21.0)	56 (31.3)	31 (23.8)		
Licenciatura	116 (46.8)	75 (41.9)	65 (50.0)		
Mestrado	79 (31.9)	25 (14.0)	26 (20.0)		
Doutoramento	0 (0.0)	4 (2.2)	3 (2.3)		
Residência				11.33**	.14
Urbano	186 (75.0)	118 (65.6)	107 (17.7)		
Rural	62 (25.0)	62 (34.4)	23 (82.3)		
Religião				40.88***	.28
Nenhuma	94 (38.7)	22 (12.6)	51 (41.5)		
Católica	149 (61.3)	153 (87.4)	72 (58.5)		
Outra/Não responde	4 (1.6)	2 (1.2)	7 (5.6)		
Praticante (n = 387)				11.72**	.17
Não	97 (63.0)	88 (57.1)	63 (79.7)		
Sim	57 (37.0)	66 (42.9)	16 (20.3)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	F	η_p^2
Idade (anos)	23.65 (4.39)	40.44 (10.60)	30.56 (8.79)	233.27***	.46
Duração da relação (meses)	34.90 (27.32)	190.77 (120.41)	60.08 (48.72)	239.07***	.47

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

A análise comparativa, referente às variáveis sociodemográficas, indicou que os participantes nas diferentes situações relacionais reportavam diferenças significativas em todas as variáveis avaliadas (cf. Quadro 1).

No que respeita à história sexual e relacional da amostra 1, o Quadro 2, permite-nos observar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os distintos contextos relacionais, tanto em relação à história prévia de infidelidade por parte do parceiro ($p < .001$), como em relação à história prévia de infidelidade dos próprios participantes ($p < .001$). A maioria dos participantes nas diferentes situações relacionais afirmou que o parceiro não foi infiel, bem como negou ter sido infiel ao parceiro. Note-se, contudo, que a percentagem que respondeu afirmativamente em ambas as situações é mais elevada nas uniões de facto.

Quadro 2. História sexual e relacional da amostra 1 (N = 558)

	Solteiros	Casados	União de facto	χ^2	V de Cramer
	(n = 248)	(n = 180)	(n = 130)		
	n (%)	n (%)	n (%)		
O parceiro já foi infiel ^a				19.68***	.18
Não	150 (60.5)	138 (77.1)	71 (54.6)		
Sim	98 (39.5)	41 (22.9)	59 (45.4)		
Já foi infiel ao parceiro ^a				16.02***	.17
Não	176 (71.0)	138 (78.0)	74 (56.9)		
Sim	72 (29.0)	39 (22.0)	56 (43.1)		

* Excluindo a relação atual.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Amostra dos Estudos 2 e 3

Por sua vez, os Estudos 2 e 3 assentam numa subamostra da amostra total, e dados os objetivos destes estudos, foi composta pelos participantes que responderam ao instrumento Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER). Assim, esta amostra foi composta por 444 participantes, com uma idade média de 31.15 anos ($DP = 11.25$, amplitude: 18-71 anos). A maioria dos participantes tem licenciatura (45.7% solteiros, 42.3% casados e 55% uniões de facto) e é residente em meio urbano. Quanto à religião, também a grande maioria era católica e não praticante. O Quadro 3 sumaria as características sociodemográficas da amostra.

Quadro 3. Características sociodemográficas da amostra 2 (N = 444)

	Solteiros	Casados	União de facto	χ^2	V de Cramer
	(n = 234)	(n = 150)	(n = 60)		
	n (%)	n (%)	n (%)		
Sexo				10.55**	.15
Masculino	50 (21.4)	53 (35.3)	12 (20.0)		
Feminino	184 (78.6)	97 (64.7)	48 (80.0)		
Educação				56.16***	.25
Até ao 9º Ano	1 (0.4)	18 (12)	5 (8.3)		
Ensino secundário	48 (20.5)	44 (29.5)	11 (18.3)		
Licenciatura	107 (45.7)	63 (42.3)	33 (55.0)		
Mestrado	78 (33.3)	20 (13.4)	10 (16.7)		
Doutoramento	0 (0.0)	4 (2.7)	1 (1.7)		
Residência				11.71**	.16
Urbano	178 (76.1)	96 (64.0)	51 (85.0)		
Rural	56 (23.9)	54 (36.0)	9 (15.0)		
Religião				26.77	.17
Nenhuma	87 (38.0)	16 (11.0)	23 (40.4)		
Católica	142 (62.0)	129 (89.0)	34 (59.6)		
Outra/Não responde	4 (1.6)	2 (1.4)	3 (5.1)		
Praticante (n = 387)				12.73**	.20
Não	91 (61.9)	71 (54.2)	32 (86.5)		
Sim	56 (38.1)	60 (45.8)	5 (13.5)		
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	F	η_p^2
Idade (anos)	23.76 (4.46)	41.57 (10.34)	34.25 (10.12)	244.61***	.53
Duração da relação (meses)	34.77 (27.33)	205.31 (120.87)	98.13 (108.60)	229.04***	.51

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Instrumentos

No presente estudo foi utilizada uma bateria de avaliação constituída por uma ficha de dados sociodemográficos e questões relativas à história sexual, relacional e familiar, e os seguintes instrumentos de autorresposta: o Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos (ICED), o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) e a escala Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER), cuja descrição apresentamos em seguida.

A **ficha de dados sociodemográficos e de questões relativas à história sexual, relacional e familiar** constituiu-se por questões biográficas (e.g., género, idade, estado civil, habilitações académicas, religião e importância da religiosidade) e por questões dirigidas a experiências relacionais (e.g., idade em que iniciou a vida sexual, aspetos relativos a história prévia de infidelidade; situação relacional dos pais e grau de conhecimento de infidelidade parental).

Inventário de Comportamentos Extra-Diádicos - (ICED) – *Extradynamic Behaviours Inventory* (Versão original: Luo et al., 2010; Versão Portuguesa (VP): Pereira et al., 2011). O ICED consta de um questionário de autorresposta que compreende duas partes: a primeira inclui 23 itens para avaliar os comportamentos extra-diádicos na modalidade presencial ou cara-a-cara (*offline*) e a segunda parte é composta por 13 itens para avaliar os comportamentos extra-diádicos mediados pelo computador (*online*). Os indivíduos devem reportar a frequência com que se envolveram em cada um dos comportamentos descritos, com alguém do sexo oposto, durante a sua relação atual. Neste inventário foi adotada a escala de cinco pontos de Wiederman e Hurd (1999): 1 - *Não tive este comportamento porque não quis*; 2 - *Não tive este comportamento porque não houve oportunidade*; 3 - *Tive este comportamento apenas uma vez*; 4 - *Tive este comportamento mais do que uma vez com a mesma pessoa*; e 5 - *Tive este comportamento com diferentes pessoas*. Estão em curso os estudos da VP deste inventário.

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) – *Brief Symptom Inventory* (Versão original: Derogatis, 1993; VP: Canavarro, 2007). O BSI encontra-se organizado em nove dimensões psicopatológicas e três índices gerais, sendo utilizado para despiste de perturbações psiquiátricas comuns. Além disso pode ainda ser administrado a doentes do foro psiquiátrico, indivíduos emocionalmente perturbados, a quaisquer outros doentes e a pessoas da população em geral. O BSI é composto por 53 itens a que os participantes respondem numa escala de quatro pontos, desde 0 (*Nunca*) a 4 (*Muitas vezes*). No presente estudo, e dados os objetivos do mesmo, apenas foram utilizadas as dimensões ansiedade e depressão. Na presente amostra, os valores de consistência interna variaram entre .85 para a *ansiedade* (no grupo dos solteiros) e .90 para a *depressão* (no grupo das uniões de facto).

Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER) – *Experience in Close Relationships - Relationship Structures (ECR-RS)* (Versão original: Fraley, Heffernan et al., 2011; VP: Moreira & Canavarro, 2011). O ERP-ER é um instrumento de autorrelato desenvolvido para avaliar as dimensões de ansiedade e evitamento da vinculação à figura

materna, à figura paterna, ao parceiro(a) romântico e ao melhor amigo. Este inventário é constituído por nove itens, que são usados para todas as figuras alvo de avaliação. Os participantes respondem ao questionário numa escala tipo Likert de sete pontos, desde 1 (*Discordo fortemente*) a 7 (*Concordo fortemente*). No entanto, dependendo dos objetivos da investigação, pode avaliar-se unicamente a vinculação numa das quatro relações próximas. Neste estudo, em particular, debruçámo-nos somente na vinculação à mãe, ao pai e ao companheiro(a). Os estudos psicométricos da versão Portuguesa deste inventário encontram-se ainda a decorrer. Na presente amostra, os valores do alfa de Cronbach variaram entre .74 (ansiedade - parceiro, no grupo dos solteiros) e .94 (ansiedade - pai, no grupo em união de facto).

Procedimentos

A recolha da amostra ocorreu num único momento de avaliação. Os participantes desta investigação foram recrutados através de dois métodos: através de um questionário *online* ($n = 465$) e em contexto comunitário ($n = 93$).

No que diz respeito ao primeiro método, procedeu-se à recolha de dados através de um questionário *online* disponível no *site* da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Na página introdutória do questionário *online*, e tendo em consideração as questões éticas, foi reportada a confidencialidade da informação recolhida e a garantia do anonimato das respostas. Adicionalmente, na página introdutória eram descritos os objetivos do estudo, os critérios de inclusão e o papel dos participantes e dos investigadores. Por fim, disponibilizaram-se os contatos no caso de surgirem dúvidas e/ou questões adicionais acerca da investigação. O questionário *online* foi divulgado na página da rede social Facebook, criada no estudo de Martins (2012), intitulada “Estudo sobre Infidelidade nas Relações Amorosas”. Nesta página, solicitava-se a participação e divulgação do questionário onde, tal como na página introdutória do questionário *online* estavam reportados sucintamente os propósitos do estudo e os critérios de inclusão. Na mesma constava também o *link* através do qual era possível aceder diretamente ao protocolo de avaliação.

Relativamente à recolha da amostra em contexto comunitário procedeu-se a um contato direto com indivíduos dos distritos de Aveiro e Coimbra. A estes participantes, foi entregue um protocolo de avaliação em suporte papel, bem como um envelope. A todos foram apresentados os objetivos do estudo e alguns procedimentos gerais, tais como o facto de o questionário ser individual e, por isso, instruiu-se os mesmos que não o completassem com o companheiro, nem na presença do mesmo. Apesar de descrita no consentimento informado, a confidencialidade dos dados, bem como a garantia do anonimato das respostas foi verbalmente reforçada pelo investigador. Neste sentido, instruíram-se os participantes que no final de preencherem o questionário, o colocassem no envelope previamente entregue e depois o selassem. Por último, explicou-se aos participantes que uma vez respondido ao protocolo em versão papel, não necessitavam de o completar no formato *online*.

Análises estatísticas

Para o tratamento estatístico dos dados, recorremos ao *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 20. Em função das características das variáveis e das análises consideradas, realizámos diferentes testes, para efeitos de análise estatística.

Determinámos as frequências de distribuição, as médias e os desvios-padrão para caracterização sociodemográfica das amostras. Recorremos a análises univariadas da variância (ANOVAs) e a testes de Qui-Quadrado para comparar, respetivamente, as variáveis contínuas e os dados categoriais. Os coeficientes de correlação de Pearson foram utilizados para avaliar a associação entre as variáveis de natureza contínua. Análises multivariadas da variância (MANOVAs) foram utilizadas para avaliar o efeito das variáveis independentes, no conjunto das variáveis dependentes. Na existência de diferenças significativas, recorremos a comparações múltiplas *post hoc*, nas quais tivemos em linha de conta o ajustamento de Bonferroni.

No que se prende com as análises de mediação e moderação, recorreu-se à estratégia de *bootstrapping* recomendada por Preacher e Hayes (2008). O *bootstrapping* é um processo não paramétrico de amostragem com reposição, no qual são calculados os efeitos indiretos de várias amostras do tamanho da amostra original. Este método é recomendado porque não requer a normalidade da distribuição (Hayes, 2009) e reduz a probabilidade de ocorrência de um Erro do Tipo I. Baseados numa macro para o SPSS deste autor (PROCESS; Hayes, 2012), nestas análises foram utilizadas 5000 reposições de amostragem (*bootstrapp samples*) e um intervalo de confiança (IC) a 95%. De acordo com Preacher e Hayes, os efeitos condicionais indiretos são significativos quando o zero não está incluído no intervalo de confiança (*Bias-corrected Bootstrap Confidence Interval*). Nestas análises, as variáveis independentes foram as dimensões de vinculação, as variáveis dependentes foram o total de CED, e as dimensões ansiedade e depressão foram as variáveis mediadoras. A variável moderadora foi a situação relacional (solteiro/casado/união de facto).

Adotámos um nível de significação de $p < .05$ nas análises realizadas para apontar a significância estatística. A magnitude dos efeitos foi analisada recorrendo ao Eta quadrado parcial - η_p^2 - (variáveis contínuas) e ao V de Cramer (variáveis categoriais), atendendo às seguintes convenções: efeito pequeno: $\eta_p^2 \geq .01$, V de Cramer $\geq .01$; efeito médio: $\eta_p^2 \geq .06$, V de Cramer $\geq .03$; efeito grande: $\eta_p^2 \geq .14$, V de Cramer $\geq .05$ (Cohen, 1992).

IV – Resultados

Os resultados obtidos a partir do tratamento de dados, por uma questão de organização, encontram-se divididos em três estudos, em função dos objetivos enunciados.

Estudo 1

Face à relevância que os CED detêm nas relações íntimas amorosas, o primeiro estudo teve como objetivo avaliar as prevalências do envolvimento em CED nas modalidades presencial e *online*, em função da situação

relacional (i.e., solteiros, casados e uniões de facto), considerando também as diferenças de género.

Os Quadros 4 e 5, permitem observar a percentagem de indivíduos nos diferentes contextos relacionais que se envolveram em CED específicos, nas modalidades presencial e *online*, bem como os testes de Qui-Quadrado das diferenças nas distribuições de frequência.

Em relação aos CED presenciais, pela leitura do Quadro 4, podemos observar grande variabilidade na taxa de incidência dos CED específicos, nos diferentes contextos relacionais. Para os 23 CED, a taxa de incidência para os solteiros situou-se entre 3.2% (partilhou fotos sexuais) e 46.8% (queixas sobre o parceiro/relação). Nos indivíduos casados a taxa situou-se entre 3.9% (masturbação na presença de outra pessoa) e 32.2% (queixas sobre o parceiro/relação). Já nas uniões de facto variou entre 5.4% (partilhou fotos sexuais) e 54.6% (queixas sobre o parceiro/relação). A análise comparativa mostrou a existência de diferenças significativas, apenas em um dos 23 CED, nomeadamente no item “queixas sobre o parceiro/relação”, $\chi^2_{(2)} = 16.86$, $p < .001$, V de Cramer = .17. Adicionalmente, analisando o efeito do género nas mesmas análises comparativas, observaram-se igualmente diferenças estatisticamente significativas para o CED em questão, tanto para os homens ($\chi^2_{(2)} = 9.09$, $p = .011$, V de Cramer = .25) como para as mulheres ($\chi^2_{(2)} = 9.17$, $p = .010$, V de Cramer = .15).

Quadro 4. Percentagens observadas para os CED presenciais em função do estado civil (N = 558)

Comportamento	Solteiros		Casados		União de facto		χ^2	V de Cramer
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim		
1. Partilhou pormenores íntimos	74.6	25.4	82.2	17.8	73.8	26.2	4.29	.09
2. Queixas sobre o parceiro/relação	53.2	46.8	67.8	32.2	45.4	54.6	16.86***	.17
3. <i>Flirting</i>	72.6	27.4	76.7	23.3	71.5	28.5	1.29	.05
4. Foi a um encontro romântico	87.9	12.1	83.9	16.1	84.6	15.4	1.59	.05
5. Beijo nos lábios	85.1	14.9	83.3	16.7	78.5	21.5	2.67	.07
6. Manteve alguém em segredo	87.1	12.9	84.4	15.6	85.4	14.6	0.63	.03
7. Ligação emocional profunda	84.3	15.7	81.7	18.3	86.2	13.8	1.18	.05
8. Encontro para beber um copo	78.2	21.8	85.0	15.0	79.2	20.8	3.28	.08
9. Passou tempo com alguém	80.2	19.8	83.9	16.1	80.0	20.0	1.12	.05
10. Beijo profundo	86.7	13.3	81.1	18.9	83.1	16.9	2.54	.07
11. Sentiu-se apaixonado(a)	74.6	25.4	75.6	24.4	77.7	22.3	0.44	.03
12. Deu estimulação (não genital)	88.3	11.7	83.9	16.1	83.1	16.9	2.58	.07
13. Recebeu estimulação (não genital)	88.3	11.7	85.6	14.4	83.8	16.2	1.60	.05
14. Deu estimulação (genital)	89.9	10.1	85.6	14.4	82.3	17.7	4.62	.09
15. Recebeu estimulação (genital)	89.1	10.9	86.1	13.9	83.1	16.9	2.79	.07
16. Realizou sexo oral	92.3	7.7	90.0	10.0	86.2	13.8	3.68	.08
17. Recebeu sexo oral	91.5	8.5	87.2	12.8	86.9	13.1	2.79	.07
18. Sexo vaginal	89.5	10.5	86.1	13.9	83.8	16.2	2.67	.07
19. Sexo anal	95.2	4.8	93.9	6.1	93.1	6.9	0.76	.04
20. Masturbação na presença da outra pessoa	95.6	4.4	96.1	3.9	91.5	8.5	3.73	.08
21. Conversa provocadora	92.3	7.7	90.0	10.0	91.5	8.5	0.73	.04
22. Partilhou fotos sexuais	96.8	3.2	95.0	5.0	94.6	5.4	1.28	.05
23. Teve um parceiro de “reserva”	90.3	9.7	95.6	4.4	89.2	10.8	5.21	.10

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Em termos gerais, 36.3% de solteiros (38.1% das mulheres e 29.6% dos homens), 47.8% de casados (48.7% e 46% de mulheres e homens, respetivamente) e 34.6% dos participantes em união de facto (37% mulheres e 26.7% homens) reportaram não se terem envolvido em nenhum dos CED avaliados durante a atual relação, valores que se revelaram significativamente diferentes nos três grupos, $\chi^2_{(2)} = 7.52$, $p = .023$, V de Cramer = .23.

No que diz respeito aos 13 CED *online*, a prevalência nos solteiros situou-se entre 3.2% (cibersexo) e 33.1% (queixas sobre o parceiro/relação). No grupo de participantes casados, a prevalência variou entre 4.4% (sentiu-se apaixonado(a); masturbou-se *online*/conversa telefónica; partilhou fotos sexuais provocadoras; cibersexo) e 14.4% (queixas sobre o parceiro/relação). A prevalência nas uniões de facto oscilou entre 5.4% (partilhou fotos sexuais provocadoras) e 26.9% (queixas sobre o parceiro/relação). Nesta modalidade a análise comparativa revelou a existência de diferenças relacionais totais, estatisticamente significativas, em dois dos 13 CED *online* (cf. Quadro 5).

Quadro 5. Percentagens observadas para os CED *online* em função do estado civil (N = 558)

Comportamento	Solteiros		Casados		União de facto		χ^2	V de Cramer
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim		
1. Partilhou pormenores íntimos	81.5	18.5	91.1	8.9	85.4	14.6	7.84*	.12
2. Queixas sobre o parceiro/relação	66.9	33.1	85.6	14.4	73.1	26.9	19.12***	.19
3. <i>Flirting</i>	79.4	20.6	86.1	13.9	83.8	16.2	3.42	.08
4. Manteve alguém em segredo	85.1	14.9	90.0	10.0	88.5	11.5	2.46	.07
5. Sentiu uma ligação emocional profunda	86.3	13.7	90.6	9.4	88.5	11.5	1.83	.06
6. Visitou um <i>site</i> de encontros	96.0	4.0	94.4	5.6	92.3	7.7	2.26	.06
7. Passou imenso tempo <i>online</i> /telefone	86.7	13.3	88.3	11.7	85.4	14.6	0.60	.03
8. Sexo pelo telefone	96.8	3.2	95.0	5.0	93.8	6.2	1.88	.06
9. Sentiu-se apaixonado(a)	90.3	9.7	95.6	4.4	92.3	7.7	4.11	.09
10. Masturbou-se <i>online</i> /conversa telefónica	96.4	3.6	95.6	4.4	93.8	6.2	1.27	.05
11. Partilhou fotos sexuais provocadoras	96.4	3.6	95.6	4.4	94.6	5.4	0.65	.03
12. Cibersexo	96.8	3.2	95.6	4.4	91.5	8.5	5.17	.10
13. Teve um parceiro de "reserva"	93.1	6.9	95.0	5.0	93.1	6.9	0.73	.04

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

No entanto, enquanto no CED “partilhou pormenores íntimos” apenas se verificaram diferenças no total, no CED “queixas sobre o parceiro/relação”, além das diferenças no total da amostra, ainda se verificaram diferenças de género nos homens, $\chi^2_{(2)} = 7.45$, $p = .024$, V de Cramer = .23 e nas mulheres, $\chi^2_{(2)} = 13.27$, $p = .001$, V de Cramer = .18. Relativamente aos CED “manteve alguém em segredo” e “sexo pelo telefone”, só se verificaram diferenças significativas nas mulheres ($\chi^2_{(2)} = 6.82$, $p = .033$, V de Cramer = .13; $\chi^2_{(2)} = 6.85$, $p = .033$, V de Cramer = .13). No total, 52.8% dos solteiros (55.2% e 44.4% das mulheres e dos homens, respetivamente), 74.4% dos casados (75.2% das mulheres e 73% dos homens) e 61.5% dos participantes em união de facto (61% mulheres e 63.3% homens) reportaram não se terem envolvido em nenhum dos CED avaliados durante a atual relação, $\chi^2_{(2)} = 20.67$, $p < .001$, V de Cramer = .00.

Estudo 2

Este estudo teve como principal objetivo comparar as dimensões de vinculação às diferentes figuras relacionais, em função do envolvimento extra-diádico e do contexto relacional, bem como estudar a associação entre estas dimensões de vinculação e o envolvimento em CED, nas modalidades presencial e *online*, nas distintas situações relacionais.

Ansiedade e evitamento às diferentes figuras relacionais, em função da situação relacional e envolvimento em CED presenciais

No Quadro 6 encontram-se sumariadas as estatísticas descritivas relativas às dimensões ansiedade e evitamento da vinculação às figuras materna, paterna e companheiro, consoante os distintos contextos relacionais e em função do seu envolvimento ou não em CED presenciais.

Quadro 6. Médias e desvio-padrão nas dimensões ansiedade e evitamento da vinculação, às diferentes figuras, em função dos CED presenciais e da situação relacional (N = 444)

	Solteiros		Casados		União de facto	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Mãe						
Ansiedade	1.72 (1.20)	2.22 (1.58)	1.92 (1.47)	2.35 (1.53)	1.97 (1.68)	2.35 (1.72)
Evitamento	2.63 (1.38)	2.92 (1.48)	2.53 (1.32)	3.10 (1.57)	2.89 (1.54)	2.91 (1.48)
Pai						
Ansiedade	1.85 (1.40)	2.44 (1.82)	2.43 (1.88)	2.27 (1.49)	2.36 (1.82)	2.51 (2.03)
Evitamento	3.23 (1.59)	3.77 (1.64)	2.96 (1.44)	3.93 (1.57)	3.51 (1.70)	3.55 (1.60)
Parceiro						
Ansiedade	2.84 (1.70)	3.93 (1.98)	2.75 (2.03)	3.39 (1.99)	2.74 (2.07)	3.36 (2.00)
Evitamento	1.55 (0.75)	1.93 (0.85)	1.70 (0.92)	2.44 (1.24)	1.56 (0.68)	2.09 (1.00)

Relativamente à figura materna, observou-se um efeito multivariado significativo do grupo [Lambda de Wilks = .98, $F_{(2, 433)} = 3.91$, $p = .021$, $\eta_p^2 = .02$]. Os testes univariados subsequentes mostraram a existência de diferenças apenas na dimensão ansiedade (cf. Quadro 7). Nomeadamente, os participantes que reportaram já se ter envolvido em CED apresentaram valores mais elevados nesta dimensão. Os efeitos do estado civil [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4, 864)} = 0.39$, $p = .814$, $\eta_p^2 = .002$] e de interação [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4, 864)} = 0.48$, $p = .751$, $\eta_p^2 = 0.02$] não foram significativos.

No que respeita à figura paterna observou-se um efeito multivariado significativo do grupo [Lambda de Wilks = .98, $F_{(2, 428)} = 4.11$, $p = .017$, $\eta_p^2 = .02$]. Os testes univariados subsequentes mostraram que o efeito não foi significativo no que respeita à dimensão ansiedade. Porém, em relação ao evitamento observou-se um efeito significativo do envolvimento em CED presenciais. A análise dos valores médios (cf. Quadro 6) permitiu verificar que os participantes que referiram envolver-se em CED presenciais apresentaram resultados mais elevados nesta dimensão, comparativamente aos participantes que indicaram não se envolver em CED. Os efeitos do estado civil [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4, 856)} = 0.59$, $p = .671$, $\eta_p^2 = .00$] e

de interação [Lambda de Wilks = .98, $F_{(4,856)} = 2.37$, $p = .051$, $\eta_p^2 = .01$] não foram significativos.

Por fim, em relação ao parceiro, observou-se um efeito multivariado significativo do grupo [Lambda de Wilks = .93, $F_{(2,437)} = 17.00$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .07$] e do estado civil [Lambda de Wilks = .96, $F_{(4,874)} = 4.05$, $p = .003$, $\eta_p^2 = .02$]. O efeito de interação não foi significativo [Lambda de Wilks = .99, $F_{(4,874)} = 1.42$, $p = .224$, $\eta_p^2 = .01$]. Pela leitura do Quadro 6 podemos observar que os participantes que indicaram envolver-se em CED mostraram resultados mais elevados em ambas as dimensões. Em relação ao estado civil, os testes de *post hoc* mostraram a existência de diferenças apenas na comparação entre os solteiros e os casados, com estes últimos a apresentar valores mais elevados de evitamento.

Quadro 7. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED presenciais (N = 444)

	CED presenciais		Estado civil		CED X Estado civil	
	F	η_p^2	F	η_p^2	F	η_p^2
Mãe						
Ansiedade	6.36*	.014	0.70	.003	0.05	.000
Evitamento	3.17	.007	0.18	.001	0.86	.004
Pai						
Ansiedade	0.98	.002	0.99	.005	2.09	.010
Evitamento	8.13**	.019	0.08	.000	1.89	.009
Parceiro						
Ansiedade	12.59***	.028	1.46	.007	0.73	.003
Evitamento	26.90***	.058	5.62**	.025	1.68	.008

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Ansiedade e evitamento às diferentes figuras relacionais, em função da situação relacional e envolvimento em CED *online*

No Quadro 8 encontram-se as estatísticas descritivas relativas às dimensões ansiedade e evitamento da vinculação às figuras materna, paterna e companheiro, consoante os distintos contextos relacionais e em função do seu envolvimento ou não em CED *online*.

Quadro 8. Médias e desvio-padrão nas dimensões ansiedade e evitamento da vinculação, às diferentes figuras, em função dos CED *online* e da situação relacional (N = 444)

	Solteiros		Casados		União de facto	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Mãe						
Ansiedade	1.82 (1.30)	2.28 (1.62)	2.07 (1.51)	2.34 (1.53)	2.34 (1.83)	1.99 (1.50)
Evitamento	2.66 (1.39)	2.98 (1.50)	2.72 (1.49)	3.09 (1.44)	2.95 (1.46)	2.83 (1.56)
Pai						
Ansiedade	2.10 (1.64)	2.37 (1.76)	2.44 (1.72)	2.11 (1.57)	2.71 (1.96)	2.04 (1.86)
Evitamento	3.31 (1.61)	3.88 (1.63)	3.30 (1.55)	3.90 (1.60)	3.63 (1.55)	3.38 (1.77)
Parceiro						
Ansiedade	2.94 (1.83)	4.22 (1.86)	2.91 (2.00)	3.56 (2.06)	3.14 (2.08)	3.09 (2.00)
Evitamento	1.64 (0.76)	1.97 (0.88)	1.89 (1.00)	2.61 (1.40)	1.72 (0.80)	2.17 (1.05)

No que se refere à mãe não se verificaram efeitos multivariados significativos do grupo [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(2, 433)} = 0.73$, $p = .483$, $\eta_p^2 = .00$], estado civil [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4,866)} = 0.25$, $p = .910$, $\eta_p^2 = .00$] e de interação [Lambda de Wilks = .99, $F_{(4,866)} = 0.99$, $p = .415$, $\eta_p^2 = .00$]. O mesmo sucedeu no que respeita ao pai, i.e., não se encontraram efeitos significativos do grupo [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(2, 428)} = 2.70$, $p = .068$, $\eta_p^2 = .01$], estado civil [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4,856)} = 0.16$, $p = .960$, $\eta_p^2 = .00$] e de interação [Lambda de Wilks = .98, $F_{(4,856)} = 1.74$, $p = .139$, $\eta_p^2 = .01$].

No que respeita ao parceiro, foram encontrados efeitos multivariados significativos no grupo [Lambda de Wilks = .95, $F_{(2, 437)} = 12.28$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .05$], no estado civil [Lambda de Wilks = .95, $F_{(4, 874)} = 6.15$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .03$] e na interação [Lambda de Wilks = .98, $F_{(4,874)} = 2.69$, $p = .030$, $\eta_p^2 = .01$]. Pela análise dos valores médios podemos observar que enquanto os solteiros e casados que reportaram envolver-se em CED apresentaram valores mais elevados, de ansiedade e de evitamento, o mesmo não aconteceu com as uniões de facto, em que apenas na dimensão evitamento se observou o mesmo padrão (cf. Quadro 8). Quanto ao estado civil, os testes *post hoc* revelaram diferenças significativas somente na comparação entre os solteiros e os casados, os quais, em particular, apresentaram valores mais elevados de evitamento. Adicionalmente, em relação à interação, testes univariados subsequentes mostraram diferenças significativas apenas na dimensão ansiedade (cf. Quadro 9). Especificamente, apenas as uniões de facto que indicaram envolver-se em CED apresentaram valores mais baixos de ansiedade, comparativamente aos participantes que negaram envolver-se em CED (cf. Quadro 8).

Quadro 9. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED online (N = 444)

	CED online		Estado civil		CED X Estado civil	
	F	η_p^2	F	η_p^2	F	η_p^2
Mãe						
Ansiedade	0.53	.001	0.44	.002	1.70	.008
Evitamento	1.24	.003	0.16	.001	0.60	.003
Pai						
Ansiedade	1.44	.003	0.16	.001	2.27	.010
Evitamento	2.69	.006	0.08	.000	1.64	.008
Parceiro						
Ansiedade	7.72**	.017	1.97	.009	3.10*	.014
Evitamento	20.71***	.045	8.89***	.039	1.66	.008

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Associação entre dimensões de vinculação e os CED

No Quadro 10 apresentam-se as correlações entre as dimensões da vinculação à mãe, pai e companheiro e o envolvimento em CED presenciais e *online*, por estado civil.

Em termos gerais é possível observar que, em relação à figura materna

e ao envolvimento em CED presenciais, a maioria das correlações não foram estatisticamente significativas. Especificamente, a ansiedade à mãe não se correlacionou com os CED presenciais. A dimensão evitamento mostrou-se associada de forma positiva e estatisticamente significativa ao envolvimento em CED presenciais apenas no grupo dos sujeitos solteiros e no grupo em união de facto. Já no que diz respeito ao envolvimento em CED *online*, as correlações não se revelaram significativas entre nenhuma das dimensões no grupo dos casados e no grupo das uniões de facto. Já entre o grupo dos solteiros, as correlações foram positivas e estatisticamente significativas tanto na dimensão ansiedade como no evitamento.

No que concerne à figura paterna e à ocorrência de CED presenciais, a maioria das correlações não foram significativas. Explicitamente, a ansiedade ao pai foi positiva e estatisticamente significativa, somente no grupo dos participantes solteiros e no grupo em união de facto. A dimensão evitamento, porém, não se correlacionou com os CED presenciais. O mesmo sucedeu em relação ao envolvimento em CED *online*, em que não se verificou nenhuma correlação significativa entre nenhuma das dimensões.

No que toca à vinculação ao parceiro e ao envolvimento extra-diádico presencial, a maioria das correlações foi estatisticamente significativa. Apesar de na dimensão ansiedade, apenas as correlações no grupo de solteiros terem sido estatisticamente significativas; na dimensão evitamento todas as correlações foram positivas e estatisticamente significativas. Em relação à ocorrência de CED *online*, observou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa, na dimensão ansiedade, unicamente entre o grupo dos solteiros. Já a dimensão evitamento apresentou correlações positivas e estatisticamente significativas apenas no grupo dos solteiros e no grupo dos casados.

Quadro 10. Coeficientes de correlação entre as dimensões da vinculação às diferentes figuras e o envolvimento em CED presenciais e *online*, em função do estado civil (N = 444)

	Envolvimento em CED presenciais			Envolvimento em CED <i>online</i>		
	Solteiros	Casados	União de facto	Solteiros	Casados	União de facto
Mãe						
Ansiedade	.10	.09	.01	.14*	.13	-.19
Evitamento	.14*	.07	.41**	.16*	.14	.08
Pai						
Ansiedade	.19**	-.01	.26*	.09	.15	-.01
Evitamento	.003	.09	.05	.10	.02	.04
Parceiro						
Ansiedade	.17*	.05	.12	.25***	.08	-.04
Evitamento	.17**	.23**	.36**	.18**	.22**	.25

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Estudo 3

Este estudo teve como principal objetivo analisar os resultados relativos à associação entre as dimensões de sintomatologia psicopatológica (ansiedade e depressão) e o envolvimento em CED nos diferentes contextos

relacionais, assim como avaliar se a sintomatologia ansiosa e depressiva medeiam a associação entre a vinculação ao companheiro e o envolvimento em CED, nas modalidades presencial e *online*, consoante as distintas situações relacionais (i.e., se a situação relacional é moderadora desta associação).

Sintomatologia psicopatológica, em função da situação relacional e do envolvimento em CED presenciais

No Quadro 11 são apresentadas as estatísticas descritivas referentes à sintomatologia ansiosa e depressiva, nas distintas situações relacionais, e em função do seu envolvimento ou não em CED presenciais.

Quadro 11. Médias e desvio-padrão referentes à sintomatologia psicopatológica, nos diferentes contextos relacionais e em função dos CED presenciais (N = 444)

	Solteiros		Casados		União de facto	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
BSI						
Ansiedade	0.68 (0.70)	1.12 (.87)	0.77 (0.78)	1.06 (0.83)	0.63 (0.68)	1.08 (0.81)
Depressão	0.59 (0.65)	1.10 (.96)	0.71 (0.83)	1.09 (0.86)	0.74 (0.62)	1.24 (1.06)

Relativamente à sintomatologia psicopatológica, observou-se um efeito multivariado do grupo [Lambda de Wilks = .95, $F_{(2, 437)} = 11.81$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .05$]. A análise do Quadro 11 permite-nos averiguar que foram os participantes que relataram envolvimento em CED presenciais, em particular, que obtiveram resultados mais elevados de sintomatologia ansiosa e depressiva. Os efeitos do estado civil [Lambda de Wilks = .99, $F_{(4, 874)} = 1.18$, $p = .316$, $\eta_p^2 = .01$] e de interação [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4, 874)} = 0.21$, $p = .933$, $\eta_p^2 = 0.00$] não foram estatisticamente significativos (cf. Quadro 12).

Quadro 12. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED presenciais (N = 444)

	CED presenciais		Estado civil		CED X Estado civil	
	<i>F</i>	η_p^2	<i>F</i>	η_p^2	<i>F</i>	η_p^2
BSI						
Ansiedade	18.34***	.040	0.11	.001	0.42	.002
Depressão	22.30***	.048	0.69	.003	0.25	.001

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Sintomatologia psicopatológica, em função da situação relacional e do envolvimento em CED *online*

No Quadro 13, encontram-se as estatísticas descritivas da sintomatologia ansiosa e depressiva, consoante os distintos contextos relacionais e em função do seu envolvimento ou não em CED *online*.

Quadro 13. Médias e desvio-padrão referentes à sintomatologia psicopatológica, nos diferentes contextos relacionais e em função dos CED *online* (N = 444)

	Solteiros		Casados		União de facto	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
BSI						
Ansiedade	0.78 (0.77)	1.16 (0.87)	0.89 (0.83)	1.00 (0.76)	0.79 (0.80)	1.09 (0.75)
Depressão	0.67 (0.80)	1.19 (0.92)	0.84 (0.86)	1.09 (0.88)	0.88 (0.76)	1.31 (1.15)

Quanto à sintomatologia psicopatológica, em função dos CED *online*, observou-se um efeito multivariado do grupo [Lambda de Wilks = .97, $F_{(2, 437)} = 7.90$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .04$]. Pela leitura do Quadro 13 podemos verificar que os participantes que reportaram envolvimento extra-diádico obtiveram valores mais elevados tanto de ansiedade como de depressão. Já os efeitos do estado civil [Lambda de Wilks = .99, $F_{(4, 874)} = 1.37$, $p = .242$, $\eta_p^2 = .01$] e de interação [Lambda de Wilks = 1.00, $F_{(4, 874)} = 0.56$, $p = .693$, $\eta_p^2 = 0.00$] não se mostraram significativos (cf. Quadro 14).

Quadro 14. Análise Multivariada da Variância, em relação aos CED *online* (N = 444)

	CED <i>online</i>		Estado civil		CED X Estado civil	
	F	η_p^2	F	η_p^2	F	η_p^2
BSI						
Ansiedade	7.96**	.018	0.07	.000	1.05	.005
Depressão	15.79***	.035	0.89	.004	0.88	.004

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Associação entre dimensões de sintomatologia psicopatológica e os CED

O Quadro 15 contempla as correlações entre a ansiedade e a depressão com o envolvimento em CED tanto presenciais como *online*, por estado civil. A sua leitura permite-nos observar que a maioria das correlações não foi estatisticamente significativa. Mais especificamente, a sintomatologia ansiosa e depressiva não se correlacionaram significativamente com o envolvimento em CED presenciais. No contexto *online*, não se verificaram diferenças significativas no grupo dos casados e no grupo das uniões de facto. Ao invés, a correlação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os CED *online*, no grupo dos solteiros, foi positiva e estatisticamente significativa.

Quadro 15. Coeficientes de correlação entre a sintomatologia psicopatológica e o envolvimento em CED presenciais e *online*, em função do estado civil (N = 444)

	Envolvimento em CED presenciais			Envolvimento em CED <i>online</i>		
	Solteiros	Casados	União de facto	Solteiros	Casados	União de facto
BSI						
Ansiedade	.07	-.02	.06	.15*	-.02	.06
Depressão	.08	.06	.09	.20**	.02	.13

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Análise do papel mediador da sintomatologia ansiosa e depressiva e moderador da situação relacional na associação entre a vinculação no adulto e o envolvimento em CED

Nos quadros seguintes encontram-se os resultados relativos à análise da mediação da sintomatologia psicopatológica e potencial moderação da situação relacional na associação entre as dimensões de vinculação e o envolvimento em CED (controlando os efeitos do género). Pela leitura do Quadro 16 é possível verificar que os efeitos diretos (para a totalidade da amostra) das dimensões de vinculação no envolvimento em CED presenciais e *online* são todos estatisticamente significativos, mostrando que pontuações mais elevadas nas dimensões de vinculação se associam a maior envolvimento em CED presenciais e *online*.

Quadro 16. Efeitos diretos das dimensões de vinculação nos CED presenciais e *online*

Efeitos diretos	Estimativa pontual	(EP)	<i>t</i>	<i>p</i>
<i>Ansiedade</i>				
CED presenciais	1.32	0.62	2.11	.035
CED <i>online</i>	0.55	0.25	2.18	.030
<i>Evitamento</i>				
CED presenciais	2.36	0.57	4.12	< .001
CED <i>online</i>	0.84	0.23	3.61	< .001

Relativamente ao efeito mediador (da sintomatologia ansiosa e depressiva) e moderador (da situação relacional), os resultados expostos nos quadros 17 e 18 mostram que a associação entre as dimensões de vinculação e o envolvimento em CED presenciais não é mediada pela presença de sintomatologia, verificada através dos valores dos efeitos condicionais indiretos, considerados significativos quando o zero não está incluído no IC.

Quadro 17. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos da ansiedade nos CED presenciais através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador

Efeitos condicionais indiretos	Estimativa pontual (EP)	Bootstrapp IC 95%	
		Inferior	Superior
<i>Ansiedade</i>			
Solteiros	0.188 (0.34)	-0.416	0.951
Casados/União de facto	-0.611 (0.47)	-1.706	0.166
<i>Depressão</i>			
Solteiros	0.047 (0.46)	-0.823	0.982
Casados/União de facto	0.717 (0.58)	-0.265	2.045

Quadro 18. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos do evitamento nos CED presenciais através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador

Efeitos condicionais indiretos	Estimativa pontual (EP)	Bootstrapp IC 95%	
		Inferior	Superior
<i>Ansiedade</i>			
Solteiros	0.118 (0.21)	-0.245	0.624
Casados/União de facto	-0.144 (0.17)	-0.703	0.045
<i>Depressão</i>			
Solteiros	0.049 (0.29)	-0.529	0.633
Casados/União de facto	0.246 (0.25)	-0.062	1.029

No que respeita aos CED *online*, os resultados expostos nos quadros seguintes mostram que a associação entre as dimensões de vinculação e o envolvimento nestes comportamentos não é mediada pela presença de sintomatologia ansiosa e depressiva.

Quadro 19. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos da ansiedade nos CED *online* através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador

Efeitos condicionais indiretos Grupo	Estimativa pontual (EP)	Bootstrapp IC 95%	
		Inferior	Superior
<i>Ansiedade</i>			
Solteiros	0.022 (0.17)	-0.318	0.365
Casados/União de facto	-0.214 (0.21)	-0.755	0.122
<i>Depressão</i>			
Solteiros	0.298 (0.20)	-0.049	0.739
Casados/União de facto	0.222 (0.26)	-0.228	0.811

Quadro 20. Efeitos condicionais indiretos: Estimativa pontual, erro padrão e IC a 95% para os efeitos indiretos do evitamento nos CED *online* através da sintomatologia ansiosa e depressiva nos diferentes níveis do moderador

Efeitos condicionais indiretos Grupo	Estimativa pontual (EP)	Bootstrapp IC 95%	
		Inferior	Superior
<i>Ansiedade</i>			
Solteiros	0.017 (0.11)	-0.198	0.267
Casados/União de facto	-0.050 (0.08)	-0.316	0.033
<i>Depressão</i>			
Solteiros	0.196 (0.14)	-0.005	0.589
Casados/União de facto	0.080 (0.11)	-0.062	0.429

Dado que nas análises anteriores nenhuma das moderações se mostrou significativa, testou-se um modelo simples de mediação para as variáveis anteriormente referidas. Os resultados mostraram, para todos os modelos testados, que a associação entre as dimensões de vinculação ansiedade e evitamento e o envolvimento em CED não é mediada pela presença de sintomatologia ansiosa e depressiva.

V – Discussão

O envolvimento em relações extra-diádicas é bastante frequente nas relações românticas amorosas (Atkins et al., 2001). Adicionalmente, as consequências negativas que as relações extra-diádicas podem provocar, conduziram ao interesse em aprofundar o conhecimento em relação aos CED, em particular, em algumas áreas de investigação como a vinculação no adulto (Allen & Baucom, 2004) ou a sintomatologia psicopatológica (Blow & Hartnett, 2005a). Deste modo, o presente estudo pretende acrescentar novos dados em relação aos CED e à sua associação a estes dois conceitos. A discussão dos resultados, por uma questão de organização, encontra-se dividida segundo os objetivos apresentados.

Estudo 1

O primeiro estudo tem como objetivo principal analisar a prevalência do envolvimento em CED, na modalidade presencial e *online*, em diferentes

contextos relacionais, em particular, nas relações de namoro, casamento e união de facto, atendendo também às diferenças de género. Pelas implicações que a infidelidade pode desencadear no seio da relação consiste, presentemente, numa área de investigação bastante debatida. Apesar disso, o facto de ser um tema que requer uma abordagem delicada, pela sua natureza sensível, tem dificultado a investigação neste âmbito (Blow & Hartnett, 2005a). Por exemplo, dado que a investigação nos CED *online* é recente e, apesar de já existirem alguns estudos no contexto das relações de namoro (e.g., Luo et al., 2010; Martins, 2012), do nosso conhecimento, este é o primeiro estudo que estende a avaliação da taxa de incidência e prevalência de CED específicos, nas modalidades presencial e *online*, a outras situações relacionais, mais concretamente ao casamento e às uniões de facto. Assim, o presente estudo pretende, por isso, contribuir para uma melhor compreensão da infidelidade, em torno dos distintos contextos relacionais.

No que concerne às taxas de prevalência dos CED, observa-se que 63.7% dos solteiros (70.4% dos homens e 61.9% das mulheres) reportam envolvimento em CED presenciais durante a atual relação. Em termos globais, o resultado obtido é relativamente mais baixo aos resultados apresentados em estudos revistos (e.g., Allen & Baucom, 2006; Yarab et al., 1998). Já no que respeita ao género e, tendo como referencial o estudo de Luo et al. (2010), as taxas de CED obtidas no nosso estudo são relativamente mais baixas. Contrariamente, tomando como termo de comparação o estudo de Martins (2012), as taxas de prevalência registadas são mais elevadas quanto ao género. Já em relação aos casados, as taxas de prevalência encontradas são menores tanto a nível global como em questões de género, em relação aos solteiros e às uniões de facto, o que corrobora o que a maioria (e.g., Hazan & Shaver, 1994a; Lieberman, 1988) aponta nos seus estudos, designadamente a exclusividade e grau de compromisso a que se associa o casamento. Mais especificamente, 52.2% dos participantes casados (54% de homens e 51.3% de mulheres) revelam envolver-se em CED presenciais na atual relação, valor que é relativamente superior aos valores anteriormente encontrados em amostras com representatividade nacional (e.g., Allen & Baucom, 2006; Allen et al., 2008; Haavio-Mannila & Kontula, 2003; Traeen et al., 2007; Wiederman, 1997a). Relativamente ao género, nos mesmos estudos referenciados, as prevalências obtidas aproximam-se das encontradas neste estudo. Note-se que estes estudos não fizeram a distinção entre o envolvimento em CED presenciais e CED *online*, razão pela qual se pode verificar um padrão diferente entre este contexto e o contexto *online*. Por sua vez, as uniões de facto, no nosso estudo, apresentam maior registo de envolvimento em CED nas relações atuais, comparativamente aos solteiros e aos casados, revelando uma taxa global de 65.4% (73.3% nos homens e 63% nas mulheres).

Relativamente às taxas de prevalência dos CED *online*, as taxas de incidência no nosso estudo são visivelmente mais baixas do que as taxas respeitantes à prevalência dos CED presenciais. No entanto, de acordo com Merkle e Richardson (2000), a frequência de envolvimento extra-diádico nesta modalidade é passível de aumentar, devido ao uso das novas

tecnologias e das novas formas de comunicação. Concretamente, no nosso estudo e no contexto das relações de namoro, 47.2% dos participantes indicam envolvimento em CED *online* (55.6% dos homens e 44.8% das mulheres). Estas taxas, em termos globais e por género, e comparativamente às encontradas no estudo de Luo et al. (2010), são relativamente mais baixas. Todavia, aproximam-se das obtidas no estudo de Martins (2012) no mesmo contexto. Por outro lado, observou-se que apenas 25.6% dos participantes casados – 27% homens e 24.8% mulheres – e 38.5% dos participantes em união de facto – 36.7% homens e 39% mulheres –, reportam envolvimento em CED *online* na relação atual. Nesta modalidade, do nosso conhecimento, este é o primeiro estudo que averigua as taxas de prevalência no casamento e nas uniões de facto. Ainda assim, o facto de estes resultados refletirem um padrão similar ao encontrado na modalidade presencial, é consistente com a literatura, que sugere que os indivíduos reportam as relações românticas *online* como semelhantes às relações românticas presenciais, uma vez que também inclui componentes emocionais e sexuais (Henline et al., 2007; Merkle & Richardson, 2000; Whitty, 2003).

No presente estudo, observou-se que as taxas de CED nos solteiros, casados e uniões de facto, nas modalidades presencial e *online*, são menores relativamente a comportamentos de natureza sexual, quando comparados com os comportamentos de natureza mais emocional. Por outras palavras, verifica-se que a aproximação a um contato físico mais íntimo se associa a uma diminuição das taxas de prevalência dos CED específicos. Por exemplo, neste estudo, verificou-se que em relação aos CED presenciais, 46.8% dos solteiros, 32.2% dos casados e 54.6% das uniões de facto queixaram-se sobre o parceiro e/ou relação, enquanto 3.2% dos solteiros, 5% dos casados e 5.4% das uniões de facto partilharam fotos sexuais. Estes resultados podem ser explicados segundo o apontado por alguns autores (e.g., Banfield & McCabe, 2001; Glass & Wright, 1985), que indicaram que as mulheres mais provavelmente se envolvem em relações extraconjugais emocionais ou combinadas do que apenas relações unicamente sexuais. Já os homens, segundo Glass e Wright (1985), possivelmente envolvem-se mais em relações extraconjugais apenas sexuais. Sendo esta amostra constituída maioritariamente por mulheres, os resultados vão ao encontro do sugerido por esses autores. Observou-se que em relação aos comportamentos *online*, 33.1% dos solteiros, 14.4% dos casados e 26.9% das uniões de facto queixaram-se sobre o parceiro e/ou relação, enquanto 3.6% dos solteiros, 4.4% dos casados e 5.4% das uniões de facto partilharam fotos de carácter sexual. Estes resultados podem estar, também, associados ao facto de a nossa amostra ser constituída maioritariamente por mulheres, dado que, de acordo com Henline et al. (2007), a infidelidade emocional *online* é, especialmente para as mulheres, percebida como causadora de maior sofrimento comparativamente à relação sexual *online*. Por sua vez, os homens, segundo os mesmos autores, têm maior probabilidade de se envolverem em relações sexuais, num encontro presencial com o contato *online*, posteriormente a infidelidade emocional e sexual no contexto *online*.

Saliente-se que, nos três contextos relacionais analisados, se verifica

uma grande variabilidade nas prevalências dos CED específicos, a qual pode ser explicada pela medida utilizada (ICED). A este respeito, Luo et al. (2010) já haviam ressaltado a importância em considerar a forma como os CED foram operacionalizados, o espaço temporal em que decorreram e as idiosincrasias da amostra, aquando da interpretação dos resultados respeitantes às taxas de incidência e prevalência destes comportamentos. No entanto, contrariamente ao esperado, apesar da variabilidade observada entre as prevalências dos CED específicos, a maioria desses comportamentos não diferem em função das distintas situações relacionais, tanto na modalidade presencial como na *online*. Estes resultados sugerem que os indivíduos, nos diferentes contextos relacionais e modalidades de envolvimento extra-diádico, podem ter sido influenciados pela desejabilidade social, o que é congruente pelo apontado por alguns autores (e.g., Blow & Hartnett, 2005a), de que em relação à infidelidade, os participantes podem distorcer a realidade dos factos, em particular, dos seus comportamentos, na tentativa de minimizar o envolvimento em relações extraconjugais.

A literatura indica que os homens reportam mais envolvimento que as mulheres, em relações (sexuais) extraconjugais (Atwood & Seifer, 1997). No entanto, quando analisado o contexto relacional – variável analisada neste estudo, em particular –, não se registaram diferenças de género, em ambas as modalidades presencial e *online*. Por outras palavras, não se verificaram diferenças entre homens e mulheres nas diferentes situações relacionais (solteiros, casados e em união de facto).

Estudo 2

O objetivo deste estudo centra-se na comparação entre a ansiedade e o evitamento, enquanto dimensões da vinculação, à mãe, pai e companheiro, dependendo do envolvimento ou não em CED e do contexto relacional. Embora a infidelidade no contexto das relações íntimas amorosas seja largamente investigada, o mesmo não se verifica em relação à associação entre o envolvimento em CED e a vinculação, em que os estudos são relativamente escassos. Por esta razão, este estudo oferece um importante contributo, ao providenciar informação para uma abordagem mais compreensiva em relação à vinculação no contexto das relações românticas e dos CED, nas modalidades presencial e *online*.

Em relação aos CED presenciais, observa-se que os participantes que reportam envolvimento extra-diádico, nas diferentes situações relacionais, apresentam mais ansiedade à mãe e, valores mais elevados no evitamento, em relação ao pai, por comparação aos participantes que negam envolver-se nestes comportamentos. No que respeita à mãe, uma possível explicação para esta observação pode estar relacionada com a descoberta de alguns investigadores (e.g., Fraley, Vicary et al., 2011), de que pessoas ansiosas nas relações íntimas amorosas com os seus companheiros apresentam também, frequentemente, ansiedade à figura materna. Frieldmeier e Granqvist (2006) sugeriram que vinculações inseguras aos pais, em especial à mãe, podem contribuir para o desenvolvimento de problemas como o envolvimento

íntimo precoce e/ou o desajustamento emocional, no contexto das relações amorosas em adolescentes, motivo pelo qual não podemos afirmar acerrimamente que o mesmo sucede em relação aos adultos. No que se refere ao pai, porém, é imperativa maior investigação, uma vez que, apesar de alguns autores (e.g., Paquette, 2004) ressaltarem que a figura paterna exerce uma importante função na promoção do desenvolvimento emocional das crianças, a grande maioria dos estudos sobre as relações de vinculação focaram-se na relação com a figura materna – com as crianças e os adolescentes, motivo que reforça a necessidade de mais investigação no contexto da vinculação no adulto, em especial, com a figura paterna. Os resultados referentes ao parceiro mostram que os participantes que reportam CED apresentam tanto mais ansiedade como evitamento do que os que afirmam não se envolver. Contudo, registam-se diferenças exclusivamente em relação ao evitamento, entre os indivíduos solteiros e os casados, com estes últimos a apresentar maior evitamento. Este registo diferencial é congruente com a investigação, no sentido em que, indivíduos com um estilo de vinculação acentuado nesta dimensão revelam, habitualmente, baixos níveis de compromisso com o companheiro, presumivelmente pelo característico desejo em manter alguma distância do seu parceiro (DeWall, Lambert et al., 2011). Baixos níveis de compromisso potenciam maior possibilidade pelo interesse em alternativas e, por conseguinte, o envolvimento em infidelidade (DeWall, Lambert et al., 2011). Ora, uma vez que o namoro não implica o grau de compromisso do casamento, é exequível que existam diferenças, em função do contexto relacional em que ocorre o envolvimento em CED (Allen & Baucom, 2006).

Quanto ao envolvimento em CED *online*, em relação ao companheiro, observa-se que, os participantes que reportam envolver-se em CED, na sua maioria, apresentam mais ansiedade e evitamento. De facto, excetuando as uniões de facto relativamente à ansiedade, os restantes contextos relacionais registam esse padrão para a ansiedade e para o evitamento. Tal como na modalidade presencial, também no contexto *online* são reveladas diferenças entre solteiros e casados, especificamente no evitamento. Estes resultados demonstram a relevância do evitamento nas relações, especificamente nas relações íntimas amorosas, assim como os resultados obtidos na modalidade presencial. Deste modo, os resultados do nosso estudo, sugerem uma aproximação entre as relações que se formam presencialmente e as que se estabelecem virtualmente, tal como, por exemplo, os estudos de Whitty (2003) e Merkle e Richardson (2000) já haviam divulgado, ao referirem que os participantes citam as relações amorosas *online* como tão verdadeiras, próximas e, possivelmente, mais importantes até que as relações românticas presenciais.

Globalmente, os resultados deste estudo corroboram as hipóteses formuladas. No entanto, não vão ao encontro dos resultados obtidos em estudos anteriores (e.g., Cartun, 2009). De facto, no nosso estudo verifica-se uma associação positiva, no grupo dos solteiros, entre os CED presenciais e *online* e a ansiedade e evitamento em relação ao parceiro. No estudo de Cartun (2009), por exemplo, a autora não encontrou, em relação à ansiedade,

diferenças significativas entre os homens solteiros. Por outro lado, encontrou uma associação negativa, no grupo das mulheres solteiras, mas apenas em relação aos CED *online* sexuais. Já em relação ao evitamento, Cartun também não observou nenhuma associação no grupo dos homens solteiros, mas encontrou uma associação positiva, somente entre o grupo das mulheres solteiras, apenas com os CED *online* emocionais, uma vez que para com os CED *online* sexuais, a associação encontrada foi negativa. Apesar do estudo desta autora se ter centrado em participantes solteiros, o nosso estudo encontra, igualmente, uma associação positiva no grupo dos casados e no grupo das uniões de facto, com a dimensão evitamento, mas apenas em contexto presencial para os participantes a coabitar. Este resultado (i.e., associação positiva à dimensão evitamento) é coerente com a investigação que assinala os baixos níveis de compromisso com o parceiro, como promotores de um interesse em companheiros alternativos e o consequente envolvimento em CED (DeWall, Lambert et al., 2011). Por sua vez, o facto de ser possível a existência de várias diferenças entre o envolvimento extra-diádico no namoro e no casamento (Allen & Baucom, 2006), pode justificar os resultados obtidos, especificamente, em relação ao grupo das uniões de facto. A referida exceção, não contraria porém, a existência evidente de uma associação mais robusta, em relação à dimensão evitamento no que respeita ao parceiro, tal como já havia sido revelado por outros autores (e.g., DeWall, Lambert et al., 2011).

Adicionalmente, o nosso estudo regista associações positivas, no grupo dos solteiros e das uniões de facto, com o evitamento relativamente à mãe e com a ansiedade relativamente ao pai, em CED presenciais; e correlações positivas, nos solteiros, com a ansiedade e o evitamento à mãe, nos CED *online*. Face a inexistência de estudos que tenham analisado a ansiedade e o evitamento, às figuras materna e paterna, e o envolvimento extra-diádico, estes resultados são os primeiros que revelam dados sobre este tópico de investigação. Uma possível explicação para estes resultados pode passar pelo facto de serem esperadas mudanças ao longo do desenvolvimento nas relações de vinculação, i.e., podem ser adicionadas novas figuras significativas, designadamente o companheiro romântico, alterando a organização das hierarquias da vinculação (Zeifman & Hazan, 1999). Esta explicação também tem sentido, na medida em que, indivíduos casados têm uma relação de maior duração, comparativamente aos solteiros e às uniões de facto e, portanto, já se deverão ter adaptado às novas relações de vinculação, nomeadamente ao parceiro. Verificam-se, como referido anteriormente, associações positivas com o evitamento em relação à mãe e com a ansiedade em relação ao pai, entre o grupo dos solteiros e das uniões de facto, em CED presenciais. No entanto, observa-se um padrão diferente na medida em que os participantes, nos distintos contextos relacionais, que revelam envolver-se nestes comportamentos (CED presenciais) mostram mais ansiedade à mãe e mais evitamento ao pai. O facto de este padrão se revelar diferente, reforça mais ainda a importância de se estudar esta associação mais profundamente.

Estudo 3

No presente estudo procura-se avaliar a relação entre a presença de sintomatologia psicopatológica – ansiedade e depressão – e o envolvimento ou não em CED nos diferentes contextos relacionais. Adicionalmente, pretende-se analisar se a ansiedade e a depressão medeiam a associação entre a vinculação, em particular ao companheiro, e o envolvimento extra-diádico, em função do contexto relacional – i.e., se esta associação é moderada pelo contexto relacional. A literatura tem reconhecido esta associação, ainda que sejam escassos os estudos que têm relacionado a ansiedade e a depressão, ao envolvimento ou não em CED. No entanto, a própria literatura refere a existência de algumas questões controversas, nomeadamente, se são os indivíduos que reportam envolver-se em CED que apresentam mais sintomatologia ansiosa e depressiva, se os indivíduos traídos. Este estudo é um contributo importante para ajudar a esclarecer esta questão, mas também para adicionar informação em relação a outros contextos relacionais e modalidades de envolvimento extra-diádico.

No que se prende com a sintomatologia psicopatológica, consoante o envolvimento em CED presenciais, observa-se que os participantes que afirmam envolver-se em CED apresentam mais sintomatologia ansiosa e depressiva. Estes resultados validam os já obtidos por alguns estudos (e.g., Hall & Fincham, 2009; Spanier & Margolis, 1983), contrariando, porém, os resultados de outros (e.g., Gordon et al., 2004). Quanto à sintomatologia psicopatológica, em função do envolvimento em CED *online*, verificam-se os mesmos resultados encontrados no contexto presencial o que, uma vez mais, enfatiza as similitudes entre os CED na modalidade presencial e os CED na modalidade *online*. Porém, em ambas as modalidades, estes resultados mostram-se independentes da situação relacional. Não fosse este um estudo de natureza transversal, podíamos considerar que os problemas psicológicos funcionam como precursores do envolvimento em CED, tal como o sugerido em relação ao estudo longitudinal de Hall e Fincham (2009), com uma amostra de estudantes universitários. Uma vez que assim não o é, não podemos afirmar relações de causalidade entre as variáveis analisadas.

A associação entre a depressão e o envolvimento em CED presenciais, neste estudo, não se revela significativa – resultado contrário ao esperado, tendo em consideração a revisão de estudos (e.g., Baucom et al., 2012; Gorman & Blow, 2008; O' Leary, 2005), que referem que a depressão se associa a uma diminuição no interesse sexual, que pode prejudicar a relação afetiva e sexual do casal, por favorecer o envolvimento extra-diádico. Atendendo ao facto de não ser clara a associação entre a sintomatologia depressiva e a infidelidade, no sentido em que não se sabe se esta predispõe o indivíduo, é preditora ou funciona como resposta à infidelidade (Gorman & Blow, 2008), este resultado pode significar que a depressão pode desempenhar qualquer ou nenhuma dessas funções em relação ao envolvimento extra-diádico. Com efeito, os problemas ou conflitos conjugais – além do envolvimento em infidelidade – conduzem frequentemente a *distress* relacional (Lebow et al., 2012). Ainda assim, Atkins et al. (2001)

referem que são os sujeitos com história de infidelidade, que apresentam mais frequentemente autorrelatos de conflitos conjugais, bem como de insatisfação. Já no contexto *online*, verifica-se que a ansiedade e a depressão se correlacionam positiva e significativamente, apenas entre o grupo dos solteiros. Do nosso conhecimento, não existem estudos que tenham avaliado a associação entre a ansiedade/depressão e a infidelidade na modalidade *online*. Porém, face este resultado, uma possível explicação reside na possibilidade de os indivíduos que se sentem mais vulneráveis em termos emocionais, num determinado momento - referido por Atwood e Seifer (1997), embora para o contexto presencial -, se envolvam em CED *online* pelo facto de este envolvimento ser mediado pelo computador. Com efeito, tem sentido que estes indivíduos se envolvam nestes comportamentos, através da Internet, pelas suas características particulares, que garantem maior acessibilidade, anonimato, facilidade de utilização e custos reduzidos, ao mesmo tempo que permitem relações românticas (Carvalheria & Gomes, 2003). As relações íntimas são consideradas como uma das maiores fontes de bem-estar, pela importância que têm para a maioria das pessoas (Hazan & Shaver, 1994a). Assim, relações íntimas, se seguras, funcionam como fatores protetores - nomeadamente de problemas psicológicos como a ansiedade e a depressão -, uma vez que os participantes dessa relação mostram maior capacidade de resiliência (Cozzarelli et al., 2003).

A associação entre as dimensões da vinculação e o envolvimento em CED presenciais e *online* demonstra que a ansiedade e o evitamento exercem um efeito positivo no envolvimento nestes comportamentos, o que vai ao encontro dos estudos que ressaltam as dificuldades interpessoais presentes, nomeadamente, no seio das relações amorosas, de indivíduos com um estilo de vinculação inseguro (Givertz & Safford, 2011; Mikulincer et al., 2002). Com efeito, as evidências empíricas decorrentes dos poucos estudos realizados neste âmbito, revelam que o estilo de vinculação inseguro - marcado por níveis elevados de ansiedade e evitamento -, se encontra associado a maior probabilidade de envolvimento em infidelidade (Allen & Baucom, 2004; Allen et al., 2005; Blow & Hartnett, 2005b; Bogaert & Sadava, 2002; Cartun, 2009; DeWall, Lambert, et al., 2011). Quanto ao papel mediador da sintomatologia ansiosa e depressiva e ao potencial moderador da situação relacional, verificou-se que a associação entre a vinculação no adulto e o envolvimento extra-diádico nas modalidades presencial e *online*, não é mediada pelo *distress* emocional, nem moderada pelo contexto relacional (mesmo controlando os efeitos do género). Embora não existam, do nosso conhecimento, estudos anteriores que relacionam a sintomatologia ansiosa e depressiva, as dimensões ansiedade e evitamento da vinculação e o envolvimento extra-diádico, uma possível explicação para estes resultados consiste na possibilidade de serem outras as variáveis a influenciar esta associação, ou, simplesmente, não existirem variáveis a intervir nesta relação. Ainda assim, a primeira hipótese parece-nos mais plausível dado que, por exemplo, segundo Previti e Amato (2004, citados em Allen et al., 2008), na presença de insatisfação com a relação, as taxas de infidelidade aumentam, pelo facto de a qualidade da relação se deteriorar - o

que, por sua vez, se relaciona com as relações íntimas - de vinculação - ao parceiro. Este facto, viabiliza a possibilidade de que outros mecanismos mais relacionados com a relação, e não com a saúde mental, se constituam como variáveis mediadoras desta associação entre as dimensões da vinculação e o envolvimento em CED presenciais e *online*. O género pode ser, também como considerado neste estudo, uma possível variável moderadora desta associação. Estas questões merecem, por conseguinte, atenção em estudos futuros.

VI – Conclusões

Nesta seção apresentam-se, inicialmente, alguns aspetos particulares e relevantes de cada estudo. Posteriormente, tendo em consideração os três estudos, abordar-se-ão os contributos/pontos fortes destes estudos, bem como as suas limitações, implicações e recomendações para investigação futura.

No cômputo geral, o primeiro estudo apresentado proporciona uma análise mais compreensiva das taxas de incidência e prevalência dos CED presenciais e *online*, nas diferentes situações relacionais (solteiros, casados e uniões de facto). Um contributo de relevo específico deste estudo, tem a ver com a inclusão de outros contextos relacionais, possibilitando, assim, comparações entre as diferentes situações relacionais e de género.

Por sua vez, o segundo estudo, possibilitou uma comparação entre as dimensões ansiedade e evitamento da vinculação, às figuras materna, paterna e companheiro, em função do envolvimento em CED ou não, tendo em linha de conta o contexto relacional. Igualmente, permitiu uma avaliação mais compreensiva da associação entre as referidas dimensões e os CED. Acresce referir que este estudo tem uma contribuição exclusiva nesta área de investigação, pelo facto de analisar pela primeira vez a referida comparação, particularizando as situações relacionais distintas e em contexto *online*.

Por último, o terceiro estudo faculta uma análise relativa à associação entre a sintomatologia psicopatológica (ansiedade e depressão), em função do envolvimento ou não em CED. Este estudo destaca-se, especificamente, por atender ao indivíduo que se envolve em CED, fornecendo informações a respeito do mesmo.

Em termos gerais, destaca-se o facto de este estudo superar algumas das limitações enfatizadas na investigação sobre estes tópicos. Uma das mais relevantes prende-se com a adoção de uma definição conceptual clara dos CED, bem como o facto de a medida destes comportamentos incluir um espectro de indicadores específicos. Um aspeto forte deste estudo tem a ver com a recolha da amostra através da Internet e em contexto comunitário, uma vez que promove o anonimato e, de acordo com a investigação, os indivíduos podem sentir-se mais envergonhados para questões sexuais mais sensíveis (Atwood & Seifer, 1997). Por este motivo, alguns autores (e.g., Blow & Hartnett, 2005a) enfatizam a necessidade de garantir a confidencialidade, optando por outros meios de recolha de dados, como é o caso em que a amostra é *online*.

Este estudo facultava informações pertinentes sobre as prevalências dos CED nas modalidades presencial e *online*, pelo facto de atender a contextos relacionais distintos e às diferenças de género. Providencia, também, novas informações relativamente à associação entre a vinculação e o envolvimento em CED, nomeadamente em relação à ansiedade e/ou evitamento às figuras materna e paterna – sobre as quais não existiam, do nosso conhecimento, estudos anteriores. Ainda, no que respeita à ansiedade e evitamento ao parceiro, revela o mesmo padrão existente na modalidade presencial. Do mesmo modo, facultava informações sobre a associação entre a sintomatologia psicopatológica e a ocorrência de CED, em ambos os contextos já referidos. Particularmente, verifica-se que são os participantes que se envolvem em CED que revelam mais ansiedade e depressão, adicionando informação em relação a outros contextos relacionais e modalidades de CED, o que releva a importância deste estudo. Adiciona também, informação importante, face à inexistência de estudos que relacionam as dimensões de vinculação, a sintomatologia ansiosa e depressiva e o envolvimento em CED presenciais e *online*, pela tentativa em compreender os possíveis mecanismos que estão subjacentes a essa associação.

Contudo, o presente estudo não se encontra isento de limitações, as quais poderão justificar alguma prudência na interpretação dos resultados aqui reportados. Deste modo, uma vez que a nossa amostra consistiu numa amostra de conveniência, as taxas de incidência e prevalência reportadas no estudo 1 não são generalizáveis, sobretudo pela não representatividade da amostra. Por outro lado, a grande variabilidade dos CED específicos pode resultar da medida utilizada (ICED), uma vez que se circunscreve a um espectro de comportamentos que, embora específicos, abrangem uma grande diversidade de comportamentos emocionais, além de sexuais. Adicionalmente, pelo carácter sensível deste tema de investigação, é bastante provável que os participantes respondam influenciados pela desejabilidade social (Fincham et al., 2010). Neste sentido, alguns participantes podem sobre reportar, enquanto outros podem sub reportar a realidade, facultando, nomeadamente, informação sobre as suas fantasias, em vez do que realmente aconteceu (Blow & Harnett, 2005a). Metodologicamente, o desenho transversal do estudo também constitui uma limitação, ao não permitir fazer inferências quanto à presença de relações causais entre as variáveis estudadas.

Porém, apesar das referidas limitações, o presente estudo providencia informações importantes quanto à análise das taxas de envolvimento extra-diádico, na modalidade presencial, mas também *online*, em função de distintas situações relacionais, duas das quais, do nosso conhecimento, estudadas pela primeira vez. Além disso, também as diferenças género foram consideradas, de maneira a fornecer informação mais pormenorizada.

Dada a escassez de estudos e face os resultados alcançados, do ponto de vista da investigação futura, consideramos de grande interesse aprofundar a análise das taxas de prevalência de CED específicos, nestes contextos relacionais, tanto na modalidade presencial como na *online*. Consequentemente, os resultados encontrados neste estudo também remetem

para a pertinência de investigar o tipo de compromisso associado às uniões de facto, para uma avaliação mais compreensiva das prevalências por nós encontradas. Igualmente, são fundamentais estudos futuros que aprofundem os resultados encontrados em relação às referidas dimensões a cada figura de vinculação, no contexto do envolvimento extra-diádico. Só assim se compreenderá a reorganização nas relações de vinculação, no adulto. De facto, apesar de Bowlby (1969) referir que a figura materna e paterna tendem a permanecer na hierarquia das relações de vinculação, salvaguardando, no entanto, que assumem uma posição secundária em substituição do companheiro enquanto figura principal, segundo Hazan e Zeifman (1999) a teoria da vinculação não explica quando e como ocorre a transformação das relações complementares (entre os pais) para as relações recíprocas (com os parceiros românticos). Não menos importante, é o estudo de possíveis variáveis mediadoras e moderadoras, na associação entre as dimensões da vinculação e o envolvimento extra-diádico. Um estudo igualmente interessante, seria averiguar se as dimensões de vinculação são, elas próprias, o mecanismo subjacente à associação entre a sintomatologia psicopatológica e o envolvimento em CED.

Por fim, pelas consequências negativas que o envolvimento extra-diádico provoca nas relações íntimas amorosas, ressalta-se igualmente a importância de investigação que aprofunde eventuais fatores de risco que contribuam para o desenvolvimento de sintomatologia ansiosa e depressiva. A identificação dos indivíduos que possam ser e/ou estar mais suscetíveis ao envolvimento em CED, permitirá uma intervenção mais eficaz a nível individual e relacional, promovendo o bem-estar da relação romântica primária. Investigações longitudinais futuras nos referidos tópicos são, igualmente, fundamentais.

Bibliografia

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Allen, E. S., & Atkins, D. C. (2005). The multidimensional and developmental nature of extramarital affair: Practical applications. *Journal of Clinical Psychology*, *61*(11), 1371-1382. doi: 10.1002/jclp.20187
- Allen, E., & Baucom, D. (2004). Adult attachment and patterns of extradyadic involvement. *Family Process*, *43*(4), 467-488. doi:10.1111/j.1545-5300.2004.00035.x
- Allen, E., & Baucom, D. (2006). Dating, marital, and hypothetical extradyadic involvements: How do they compare? *The Journal of Sex Research*, *43*(4), 307-317. doi:10.1080/00224490609552330
- Allen, E., Atkins, D., Baucom, D., Snyder, D., Gordon, K., & Glass, S. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in engaging in and responding to extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, *12*(2), 101-130.

- doi:10.1093/clipsy/bpi014
- Allen, E., Rhoades, G., Stanleyw, S., Markmanw, H., Williams, T., Melton, J., & Clements, M. (2008). Premarital precursors of marital infidelity. *Family Process*, 47(2), 243-259. doi:10.1111/j.1545-5300.2008.00251.x
- Amato, P.R., & Previti, D. (2003). People's reasons for divorcing: Gender, social class, the life course, and adjustment. *Journal of Family Issues*, 24(5), 602-626. doi: 10.1177/0192513X03254507
- Amato, P.R., & Rogers, S.J. (1997). A longitudinal study of marital problems and subsequent divorce. *Journal of Marriage and Family*, 59(3), 612-624. doi:10.2307/353949
- Atkins, D., Dimidjian, S., Bedics, J., & Christensen, A. (2009). Couple discord and depression in couples during couple therapy and in depressed individuals during depression treatment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77(6), 1089-1099. doi:10.1037/a0017119
- Atkins, D.C., Baucom, D.H., & Jacobson, N.S. (2001). Understanding infidelity: Correlates in a national random sample. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 735-749. doi:10.1037//0893-3200.15.4.735
- Atwood, J. D., & Seifer, M. (1997). Extramarital affairs and constructed meanings: A social constructionist therapeutic approach. *American Journal of Family Therapy*, 25(1), 55-75. doi:10.1080/01926189708251055
- Banfield, S., & McCabe, M. (2001). Extra relationship involvement among women: Are they different from men? *Archives of Sexual Behavior*, 30(2), 119-142. doi:10.1023/A:1002773100507
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. doi: 10.1037/0022-3514.61.2.226
- Baucom, D.H., Whisman, M. A., & Paprocki, C. (2012). Couple-based interventions for psychopathology. *Journal of Family Therapy*, 34(3), 250-270. doi:10.1111/j.1467-6427.2012.00600.x
- Beach, S.R., Jouriles, E.N., & O'Leary, D.K. (1985). Extramarital sex: Impact on depression and commitment in couples seeking marital therapy [Resumo]. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 11(2), 99-108.
- Bifulco, A., Kwon, J., Jacobs, C., Moran, P.M., Bunn, A., & Beer, N. (2006). Adult attachment style as mediator between childhood neglect/abuse and adult depression and anxiety. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 41(10), 796-805. doi:10.1007/s00127-006-0101-z
- Blow, A., & Hartnett, L. (2005a). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 183-216. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01555.x
- Blow, A., & Hartnett, L. (2005b). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x

- Bogaert, A., & Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships*, 9, 191-204. doi:10.1111/1475-6811.00012
- Bottonari, K., Roberts, J., Kelly, M., Kashdan, T., & Ciesla, J. (2007). A prospective investigation of the impact of attachment style on stress generation among clinically depressed individuals. *Behaviour Research and Therapy*, 45(1), 179-188. doi:10.1016/j.brat.2006.01.003
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss. Vol. I. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. II. Separation*. New York: Basic Books.
- Brand, R., Markey, C., Mills, A., & Hodges, S. (2007). Sex differences in self-reported infidelity and its correlates. *Sex Roles*, 57(1-2), 101-109. doi:10.1007/s11199-007-9221-5
- Campbell, L., Simpson, J. A., Boldry, J., & Kashy, D. A. (2005). Perceptions of conflict and support in romantic relationships: The role of attachment anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 510-531. doi:10.1037/0022-3514.88.3.510
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M.R. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Coord.) *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população Portuguesa, vol. III* (pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M.C., Dias, P., & Lima, V.S. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na População Portuguesa, *Psicologia*, 20(1), 155-186.
- Cartun, M. (2009). *The role of attachment in extradyadic behavior*. (Unpublished master's thesis). University of North Carolina Wilmington, United States, North Carolina, Wilmington.
- Carvalho, A., & Gomes, F. (2003). Cybersex in Portuguese chatrooms: A study of sexual behaviors related to online sex. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29 (5), 345-360. doi:10.1080/00926230390224729
- Christian-Herman, J. L., O'Leary, D., & Avery-Leaf, S. (2001). The impact of severe negative events in marriage on depression. *The Journal of Social and Clinical Psychology*, 20(1), 24-40. doi:10.1521/jscp.20.1.24.22250
- Cozzarelli, C., Karafa, J. A., Collins, N. L., & Tagler, M. J. (2003). Stability and change in adult attachment styles: Associations with personal vulnerabilities, life events, and global construals of self and others. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 22(3), 315-346. doi:10.1521/jscp.22.3.315.22888
- Crowell, J., & Waters, E. (1994). Bowlby's theory grown up: The role of attachment in adult love relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 31-34. doi:10.1207/s15327965pli0501_4

- Crowell, J., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 434-465). New York: Guilford Press.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *30*(8), 1076-1090. doi:10.1177/0146167204264794
- Derogatis, L. R. (1993). *BSI: Brief Symptom Inventory: Administration, scoring and procedures manual*. Minneapolis: Natural Computers System.
- DeWall, C. N., Maner, J. K., Deckman, T., & Rouby, D. A. (2011). Forbidden fruit: Inattention to attractive alternatives provokes implicit relationship reactance. *Journal of Personality and Social Psychology*, *100*(4), 621-629. doi:10.1037/a0021749
- DeWall, C.N., Lambert, M., Slotter, B., Pond, R., Deckman, T., Finkel, ... Fincham, F. (2011). So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: Avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, *101*(6), 1302-1316. doi:10.1037/a0025497
- Feeney, J. A. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.
- Fincham, F. D., Lambert, N. M. & Beach, S. R. H. (2010). Faith and unfaithfulness: Can praying for your partner reduce infidelity? *Journal of Personality and Social Psychology*, *99*(4), 649-659. doi:10.1037/a0019628
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships-Relationship Structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, *23*(3), 615-625. doi: 10.1037/a0022898
- Fraley, R. C., Vicary, A. M., Brumbaugh, C. C., & Roisman, G. I. (2011). Patterns of stability in adult attachment: An empirical test of two models of continuity and change. *Journal of Personality and Social Psychology*, *101*(5), 974-992. doi: 10.1037/a0024150
- Fraley, R.C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, *6*(2), 123-151. doi:10.1207/S15327957PSPR0602_03
- Friedlmeier, W., & Granqvist, P. (2006). Attachment transfer among Swedish and German adolescents: A prospective longitudinal study. *Personal Relationships*, *13*(3), 261-279. doi: 10.1111/j.1475-6811.2006.00117.x
- Givertz, M., & Safford, S. (2011). Longitudinal impact of communication patterns on romantic attachment and symptoms of depression. *Current*

- Psychology*, 30(2), 148-172. doi:10.1007/s12144-011-9106-1.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9-10), 1101-1120. doi:10.1007/BF00288108
- Gordon, K. C., Baucom, D. H., & Snyder, D. K. (2004). An integrative intervention for promoting recovery from extramarital affairs. *Journal of Marital and Family Therapy*, 30(2), 213-231. doi:10.1111/j.1752-0606.2004.tb01235.x.
- Gorman, M.A. L., & Blow, A. (2008). Concurrent depression and infidelity: Background, strategies for treatment and future research. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 7(1), 39-58. doi:10.1080/15332690802129705
- Haavio-Mannila, E., Kontula, O. (2003). Single and double sexual standards in Finland, Estonia, and St. Petersburg. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 36-49. doi:10.1080/00224490309552165
- Hall, J., & Fincham, F. (2009). Psychological distress: Precursor or consequence of dating infidelity? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(2), 143-159. doi:10.1177/0146167208327189
- Hansen, G. L. (1987). Extradyadic relations during courtship. *The Journal of Sex Research*, 23(3), 382-390. doi:10.1080/00224498709551376
- Hayes, A. F. (2009). Beyond Baron and Kenny: Statistical mediation analysis in the new millennium. *Communication Monographs*, 76(4), 408-420. doi: 10.1080/03637750903310360
- Hayes, A. F. (2012). PROCESS: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling [White paper]. Retrieved from <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>
- Hazan, C., & Shaver P. (1994a). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22. doi:10.1207/s15327965pli0501_1
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994b). Deeper into attachment theory. *Psychological Inquiry*, 5(1), 68-79. doi:10.1207/s15327965pli0501_15
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical implications* (pp. 336-354). New York: Guildford Press.
- Henline, B. H., Lamke, L. K., & Howard, M. D. (2007). Exploring perceptions of online infidelity. *Personal Relationships*, 14(1), 113-128. doi:10.1111/j.1475-6811.2006.00144.x
- Holland, A. S., Fraley, R. C., & Roisman, G. I. (2012). Attachment styles in dating couples: Predicting relationship functioning over time. *Personal Relationships*, 19(2), 234-246. doi: 10.1111/j.1475-6811.2011.01350.x
- Holmes, B., & Johnson, K. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26(6-7), 833-852. doi:10.1177/0265407509345653
- Joel, S., MacDonald, G., & Shimotomai, A. (2011) Conflicting pressures on

- romantic relationship commitment for anxiously attached individuals. *Journal of Personality*, 79(1), 51-73. doi:10.1111/j.1467-6494.2010.00680.x
- Kiecolt-Glaser, J. K., & Newton, T. L. (2001). Marriage and health: His and hers. *Psychological Bulletin*, 127(4), 472-503. doi:10.1037//0033-2909.127.4.472
- Lebow, J., Chambers, A., Christensen, A., & Johnson, S. (2012). Research on the treatment of couple distress. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 145-168. doi:10.1111/j.1752-0606.2011.00249.x
- Lewandowski, G. W., & Ackerman, R. A. (2006). Something's missing: Need fulfillment and self-expansion as predictors of susceptibility to infidelity. *The Journal of Social Psychology*, 146(4), 389-403. doi:10.3200/SOCP.146.4.389-403
- Lieberman, B. (1988). Extrapremarital intercourse: Attitudes toward a neglected sexual behavior. *The Journal of Sex Research*, 24(1), 291-299. doi:10.1080/00224498809551427
- Luo, S., Cartun, M., & Snider, A. (2010). Assessing extradyadic behavior: A review, a new measure, and two new models. *Personality and Individual Differences*, 49(3), 155-163. doi:10.1016/j.paid.2010.03.033
- Mark, K., Janssen, E., & Milhausen, R. (2011). Infidelity in heterosexual couples: Demographic, interpersonal, and personality-related predictors of extradyadic sex. *Archives of Sexual Behavior*, 40(5), 971-982. doi:10.1007/s10508-011-9771-z
- Martins, A. (2012). *Comportamentos extra-diádicos offline e online nas relações de namoro: Diferenças de gênero nos motivos, prevalência e correlatos*. (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Merkle E., & Richardson, R. (2000). Digital dating and virtual relating: Conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family Relations*, 49(2), 187-192. doi:10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry*, 11(1), 11-15.
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434.
- Miller, S., & Maner, J. (2009). Sex differences in response to sexual versus emotional infidelity: The moderating role of individual differences. *Personality and Individual Differences*, 46(3), 287-291. doi:10.1016/j.paid.2008.10.013
- O'Leary, K. D. (2005). Commentary on intrapersonal, interpersonal, and contextual factors in extramarital involvement. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 131-133. doi:10.1093/clipsy.bpi015
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219. doi:10.1159/000078723
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling

- strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods*, 40(3), 879-891. doi:10.3758/BRM.40.3.879
- Spanier, G.B., & Margolis, R.L. (1983). Marital separation and extramarital sexual behavior. *The Journal of Sex Research*, 19(1), 23-48. doi:10.1080/00224498309551167
- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 55-65. doi:10.1007/s10508-006-9080-0
- Whisman, M. A., & Uebelacker, L. A. (2009). Prospective associations between marital discord and depressive symptoms in middle-aged and older adults. *Psychology and Aging*, 24(1), 184-189. doi:10.1037/a0014759
- Whisman, M., & Baucom, D. (2012). Intimate relationships and psychopathology. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15(1), 4-13. doi:10.1007/s10567-011-0107-2
- Whisman, M., Weinstock, L., & Uebelacker, L. (2002). Mood reactivity to marital conflict: the influence of marital dissatisfaction and depression. *Behavior Therapy*, 33(2), 299-314. doi:10.1016/S0005-7894(02)80030-2
- Whitty, M. (2003). Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569-579. doi:10.1089/109493103322725342
- Wiederman, M. W. (1997a). Extramarital sex: Prevalence and correlates in a national survey. *The Journal of Sex Research*, 34(2), 167-174. doi:10.1080/00224499709551881
- Wiederman, M. W. (1997b). The truth must be in here somewhere: Examining the gender discrepancy in self-reported lifetime number of sex partners. *Journal of Sex Research*, 34(4), 375-386. doi:10.2307/3813479
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16(2), 265-274. doi:10.1177/0265407599162008
- Wilkinson, R., Littlebear, S., & Reed, S. (2012). A review of treatment with couples post affair: An emphasis of the use of disclosure. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 20(2), 140-146. doi:10.1177/1066480712442051
- Yarab, P. E., Sensibaugh, C. C., & Allgeier, E. R. (1998). More than just sex: Gender differences in the incidence of self-defined unfaithful behavior in heterosexual dating relationships. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 10(2), 45-57. doi:10.1300/J056v10n02_03